Krshna: Figura Histórica, Criação Mitológica ou a Combinação de Ambas?

Octavio da Cunha Botelho

Julho/2021

RESUMO

Este estudo procura mostrar e analisar como as pesquisas sobre a historicidade de Krshna ainda estão engatinhando, portanto muito longe daquilo que alguns autores alegam, de que a discussão sobre a historicidade de Krshna é um assunto superado, uma vez que a maioria dos pesquisadores concordam que ele viveu em um passado distante e lutou na guerra do Mahābhārata.

PALAVRAS-CHAVE: Krshna, Historicidade, Purānas, Mahābhārata, Harivamsha, Neminātha, Krshna Jainista, Harivamsha Jainista.

ABSTRACT

This study seeks to show and analyze how research on the historicity of Krshna is still in its infancy, therefore far from what some authors claim, that the discussion on the historicity of Krshna is an outdated subject, since most researchers agree that he lived in the distant past and fought in Mahābhārata war.

KEYWORDS: Krshna, Historicity, Purānas, Mahābhārata, Harivamsha, Neminātha, Jain Krshna, Jain Harivamsha.

Introdução

A trabalho de decomposição dos episódios da vida de Krshna (कृष्ण), a fim de descriminar o que é mito do que é história, ainda está engatinhando, quando comparado com a avançado trabalho do projeto “Em Busca do Jesus Histórico”, por isso está longe de ser um esforço realmente crítico sobre a historicidade de Krshna. A dúvida sobre a historicidade de Krshna só emergiu com a chegada dos colonizadores britânicos e depois com a introdução das regras de Crítica Textual na literatura indiana, então utilizada na Bíblia, pelos pesquisadores ocidentais a partir do século XIX. Portanto, antes disto, a existência Krshna de era uma unanimidade, nenhum hindu duvidava da sua historicidade. Embora exista uma grande quantidade de autores que tratam sobre Krshna, tal como a longa lista reunida por A. D. Pusalker, de publicações até 1955, o grau de criticismo é ainda questionável (Pusalker, 1955: 49-50n1), obras extensas só sobre o assunto ainda são raras. Pois, exceto o recente “The Quest for the Historical Krshna” de Edwin F. Bryant e os antigos “Krshna Caritra” de Bankimchandra Chatterjee (1ª edição 1886 e 2ª edição 1892)“, o “Studies in the Epics and Purānas” (1955: 49-81) de A D. Pusalker e o

“Krishna in History and Legend” (1969) de Bimandehari Majumdar, cujos graus de criticismo nas duas últimas obras ainda são baixos, encontramos poucos estudos críticos sobre o assunto, exceto um artigo aqui e ali, diante de uma incontável quantidade de obras apologéticas em defesa da historicidade de Krshna. Enfim, existem muitos trabalhos defendendo a historicidade, porém muitos poucos estudos apontando a ficcionalidade nos relatos da sua vida.

O que impede o aprofundamento na crítica dos estudos por estes autores é o fato de que, as poucas discussões sobre o assunto, quando raramente acontecem, são feitas em livros e artigos escritos por professores de Hinduísmo ou por escritores confessionais e admiradores, os quais são mais deferentes com a literatura hindu do que propriamente historiadores com rigores críticos. Por serem religiosos ou simpatizantes, a admiração pela cultura e pela literatura dos hindus é tal, que os leva a projetar historicidade nos livros mais do que eles merecem, ao ponto de encontrarem historicidade nos tão mitológicos e tão extravagantes Purānas em passagens de claras ficcionalidades. Estes são os estudiosos aos quais Guy L. Beck se refere quando disse que “a maioria dos estudiosos do Hinduísmo e da história indiana aceita a historicidade de Krshna – que ele foi uma pessoa real, quer humana ou divina, que viveu no solo indiano em torno do ano

1000 a.e.c., e interagiu com muitas outras pessoas históricas dentro dos ciclos das literaturas épicas e purânicas" (Beck, 2005: 04). Embora ele, logo em seguida, lamente que "não exista uma biografia séria, muito menos uma biografia padrão" (idem, 04). Mais adiante: "assim Krshna, cuja presença histórica real não está mais em discussão", embora logo em seguida ele observou que "sua vida (de Krshna) tornou-se virtualmente mergulhada em mistério" (idem: 04-5). E mais adiante ele ousou dizer que "Krishna teve mais 'substância' da história real do que a maioria das figuras religiosamente históricas, embora muito desta informação pareça exagerada à primeira vista" (idem: 05). Os relatos sobre a vida de Krshna não parecem exagerados, eles são, a rigor, assustadoramente exagerados e fantasiosos aos olhos de um leitor laico, só não se assusta quem está acostumado a acreditar em fantasias religiosas. Somente não os são para os delirantes que não sabem diferenciar o mito da realidade. A rigor, não existem biografias, apenas hagiografias. Portanto, nas páginas seguintes, o leitor poderá perceber a diferença na percepção dos mitos, que cercam a vida de Krshna com tantas fantasias, nas mentes dos pesquisadores religiosos e, em contrapartida, o tanto que essa percepção se diferencia quando vista pela mente de um pesquisador laico.

Charles Freeman observou, de forma resumida, o seguinte quanto aos estudos sobre a historicidade de Jesus, o que, em grande parte, se aplica adequadamente ao atual estudo da historicidade de Krshna: “A questão predominante nos estudos do Novo Testamento, pelos últimos duzentos anos, têm sido se as fontes dos evangelhos fornecem um quadro preciso da vida de Jesus. Os evangelhos têm discrepâncias e omissões importantes que os fazem difíceis de serem utilizados como textos históricos e seus autores fornecem pouca avaliação crítica de suas fontes, tal como era feito comumente pelos historiadores gregos mais sofisticados daquela época. Existe uma tendência de preencher as omissões com o Jesus que eu quero, o Jesus que se ajusta às necessidades, para substituir o Jesus que nós acreditamos ser inadequadamente retratado nos evangelhos” (Freeman, 2009: 21). Da mesma maneira, ou até mais ainda, os estudos sobre a historicidade de Krshna carecem de mais rigor na validação das fontes e mais crítica nas avaliações, bem como a presença de pesquisadores laicos nos estudos. Se os estudos históricos sobre Jesus, os quais estão mais adiantados, ainda recebem estas críticas, imagine então os estudos sobre Krishna, os quais estão bem mais atrasados, o quando precisam de mais críticas, em razão do seu caráter tão deferente com os relatos tradicionais.

Também, o hábito de raciocinar em bloco ainda é flagrante em quase todos esses autores religiosos. Tal como muitos intérpretes bíblicos, os apologistas de Krshna, quando encontram uma passagem épica ou purânica, na qual o relato é confirmado pelas evidências históricas (registros imparciais, inscrições, esculturas e numismática), então, para eles quase tudo nestes textos são relatos históricos, até os diálogos e as façanhas mirabolantes dos deuses, os milagres de Krshna, as armas fantásticas (astra, chakra, vajra, etc.) e outras fantasias. Para eles, se Krshna existiu, então tudo o que é relatado sobre o que ele falou e tudo relatado sobre o que ele fez são eventos históricos. A rigor, um historiador laico não raciocina assim.

O Descaso com a Historiografia

Uma marca na cultura indiana por muitos séculos foi a sua negligência com os registos históricos. Diferentes de outros povos que, desde a Antiguidade, tiveram historiadores tais como Heródoto (século V a.e.c.) e Tucídides (460-400 a.e.c.) na Grécia, Fábio Pictor (séculos III e II a.e.c.) e Tito Lívio (século III a.e.c.) em Roma, *Sima Qian* (séculos II e I a.e.c.) na China e Manetão (século III a.e.c.) no Egito, os indianos não se interessaram pela histografia até a chegada dos invasores muçulmanos na Idade

Média. Com isso, por muitos séculos, os indianos confundiram história com mitologia, então desenvolveram uma cultura crédula em narrativas que não possuíam confirmação histórica. Um exemplo é a extensa coleção dos Purānas, textos mitológicos cujos hindus atribuem historicidade.

Esta imensa credulidade dos indianos em relatos e em personagens sem comprovação histórica chocou os colonizadores durante a dominação britânica. Acostumados a venerar Jesus, cuja historicidade é mais possível de se rastrear, os ingleses se horrorizaram com a dimensão da credulidade e o alto grau de veneração dos hindus pelo deus Krshna, de quem não se tinha confirmação da sua existência. Richard H. Davis observou: “Para os olhos britânicos, a falta de historicidade de Krshna refletia a lamentável falta de consciência histórica entre os indianos. Tal como Mill afirmou: ‘na Índia (…) as ações dos homens e aquelas das divindades são unidas em um conjunto de lendas, das mais absurdas e extravagantes, das mais transcendentes aos limites da natureza e da razão, (porém) menos grato à imaginação e ao gosto de um povo racional e civilizado” (Davis, 2015: 85). Em contrapartida, “para um hindu ortodoxo, Krshna é uma realidade, e seu mero nome tem sido o salvador de inumeráveis almas aflitas durante os últimos dois mil anos. Um hindu ortodoxo nunca

está preocupado com a historicidade de Krshna; investigar o problema é um sacrilégio para ele" (Pusalker, 1955: 49).

A historicidade dos eventos e dos personagens do Mahābhārata, do Harivamsha e dos Purānas ainda não está confirmada pelos historiadores laicos. Para aqueles que acreditam na historicidade, as sugestões das datas variam muito entre os proponentes e alcança até aqueles que entendem que os eventos nunca aconteceram, apesar da imensa crença e zelosa devoção dos hindus, sobretudo por seu protagonista, o deus e herói Krshna. De modo que, a distância entre a fervorosa adoração dos hindus pelo deus Krshna e a completa ausência de prova da sua existência é algo que até parece um delírio coletivo. Então, enquanto não exista confirmação histórica dos eventos, Krshna, Mahābhārata, Harivamsha e Purānas são mitos.

"Fatos Ficcionalizados" e "Ficções Factualizadas"

Com os avanços das pesquisas arqueológicas e históricas, hoje sabemos que nem todos os mitos, e tampouco todas as lendas, são completamente ficções, mais precisamente, são misturas parciais de ficção com fatos reais. Quando, a partir de uma ficção, o autor acrescenta fatos reais no relato, a fim de criar mais aparência

de realidade para o seu relato fictício, temos um exemplo de relato de "ficção factualizada", ou tal como na novela *O Nome da Rosa* de Umberto Eco, uma ficção com a mistura de personagens imaginários e personagens históricos. Por outro lado, quanto temos fatos, nos quais o autor acrescenta ficções, então este é o relato de "fato ficcionalizado", tal como no livro *Anna and the King of Siam* (Anna e o Rei do Sião)[1] de Margaret Landon, lançado em 1944, o qual ficcionalizou ainda mais os relatos já levemente fantasiados pela própria personagem Anna Harriette Leonowens (1831-1915), em seu conjunto de artigos sobre viagens no jornal de Boston *The Atlantic Monthly*, em 1869, com o título de *The Favorite of the Harem* (A Favorita do Harem), depois estendido no seu livro *The English Governess at the Siamese Court* (A Governanta Inglesa na Corte Siamesa), publicado em 1870. O livro de Margaret Landon foi depois adaptado para o teatro e para o cinema, aumentando ainda mais a ficcionalidade, a dramatização e até introduzindo a musicalização com dança:

Anna and the King of Siam (1946 – filme com Rex Harrison);

The King and I (1951 – peça teatral);

---

[1] Sião é o antigo nome da Tailândia.

The King and I (1956 - filme musical com Yul Brynner e Deborah Kerr);
Anna and the King (1972 – série de TV com Yul Brynner e Samantha Eggar);
The King and I (1999 – filme musical);
Anna and the King (1999 – filme com Jodie Foster) e
Anna and the King (2000 – animação).

Enfim, a história de Anna Harriette Leonowens é um sucessivo processo de aumento da ficcionalidade e da dramatização, desde os primeiros relatos pela própria Anna H. Leonowens, passando pela obra ficcionalizada de Margaret Landon, até as digressivas e emocionantes adaptações deformadas, internacionalmente conhecidas, para o teatro e para o cinema. Ou seja, Anna H. Leonowens realmente existiu, viajou para o Sião (Tailândia), residiu no palácio real, ensinou os filhos do rei Mongkut (Rama IV), testemunhou os eventos no harém, porém os relatos estão recheados de sucessivos acréscimos fictícios, os quais não fazem parte dos acontecimentos. O grau de ficcionalidade se percebe quando, ao invés de conhecer a sua vida apenas através das obras acima, a comparamos com as biografias com base nos fatos reais da sua vida. A biografia de referência atualmente é: *Bombay Anna: The Real Story and Remarkable Adventures of the King and I Governess*, de Susan

Morgan, publicada pela University of California Press, graças à minuciosa pesquisa da autora.

Os exemplos acima são apenas alguns no meio de uma enorme quantidade de obras (literatura, teatro, cinema, animação, etc.) que sofreram o mesmo processo de "ficcionalização", isto é, relatos que, a partir de fatos históricos, são acrescidos de ficções, de embelezamentos, de dramatizações e até de musicalizações com danças, tal como os exemplos acima, a fim de aumentar a carga dramática da narrativa. Nos casos dos relatos religiosos, tal como veremos em seguida, os acréscimos fictícios são justapostos aos fatos históricos a fim de aumentar a carga emotiva, persuasiva e catequética da mensagem.

Tal como no caso de Anna H. Leonowens, cujo relato da vida foi ficcionalizado na obra de Margaret Landon e mais ainda nas adaptações posteriores para o teatro e para o cinema, um exemplo curioso no meio religioso foi o de Apolônio de Tiana, um sábio pitagórico que, tal como Jesus, muito provavelmente foi também um personagem histórico, viveu logo após Jesus, teve sua história mitificada na hagiografia Vita Apollonii Tyanensis (A Vida de Apolônio de Tiana) de Flávio Filóstrato (170-247 e.c.), publicada em 217 e.c., a principal fonte para o conhecimento da vida deste místico. Nela, Filóstrato introduziu, na vida de Apolônio, quase todos os grandes feitos de Jesus: as curas, a ressurreição de um morto, a

proclamação de profecias, a realização de milagres, o confronto com autoridades romanas, a rejeição dos sacrifícios sanguinários, a caridade aos pobres, a prisão pelas autoridades romanas, o julgamento por um tribunal, ascensão ao céu e a aparição após a morte. Tudo isto com a intenção de igualar ou de superar a divindade de Apolônio diante de Jesus, a fim de transformá-lo em um rival de Jesus ou em um Cristo Pagão, em face do crescimento do Cristianismo nos primeiros séculos da Era Comum (para detalhes, ver: Botelho, 2012).

Concluindo, descobrir a historicidade de alguém, ou seja, que este alguém existiu ou não é uma primeira tarefa, agora, outra muito diferente, e tão igualmente difícil, é saber o que é fato ou o que é ficção nos relatos da vida e nos ditos deste alguém, sobretudo nos casos dos personagens mais antigos, quando a documentação era precária e a religião, com seu sectarismo, era uma porta voz influente da informação.

A Importância da Imparcialidade

Portanto, o trabalho de identificação do que é mito, boato e ficção, ou do que é realidade nos relatos de alguém, se torna mais difícil ou mais fácil, como uma regra quase geral, conforme a antiguidade ou a recenticidade dos eventos. No caso de Anna H. Leonowens, esta identificação do

que é ficção e do que é fato em sua vida é facilitada pela abundante disponibilidade preservadas de informações de diferentes fontes, sobretudo das fontes de fora daqueles que pretendiam dramatizá-la, pois ela viveu em uma época, século XIX e início do século XX, quando o registro, a documentação e o arquivamento tinham se tornado um procedimento importante para a conservação da cultura, com a criação da impressão gráfica, do jornalismo, do cartório, da pesquisa de campo, do museu, da fotografia, da gravação em áudio e do cinema. O registro e a conservação de depoimentos, a documentação de testemunhas contemporâneas e imparciais aos eventos são muito importantes para identificar, durante o cotejo com as fontes duvidosas de informações, o que é fato ou o que é mito (ficção) nos relatos. No caso dos registros religiosos, esta identificação se torna mais difícil, às vezes até impossível, devido ao caráter partidário e a rivalidade nas abordagens, algumas vezes até hostil.

O conhecimento dos fatos religiosos através da fonte imparcial de informação é importante para reconhecer a realidade por trás da manipulação religiosa, uma vez que, em razão da sacralidade, a comunicação religiosa é carregada de pregação, de exaltação e de propaganda. Quando conhecemos os fatos apenas através da comunicação religiosa, o que conhecemos não é a

realidade tal como ela é, mas sim a realidade tal como a religião deseja que os outros conheçam. O encobrimento da realidade pode ser muito comum nas comunicações religiosas. Veja o caso da prisão e da condenação do curandeiro brasileiro João de Deus (John of God), internacionalmente conhecido por suas pretensas curas, procurado por celebridades de diferentes partes do mundo. Mas agora cumprindo pena de mais de cem anos, antes em reclusão e agora em prisão domiciliar em função da fragilidade da sua saúde e do risco da pandemia, por assédio sexual em mais de 300 mulheres, se forem incluídos os crimes que prescreveram, porte ilegal de armas, tráfego de crianças e outros crimes. Os crimes eram praticados desde a sua juventude, mas ele nunca foi investigado ou denunciado, e não eram conhecidos publicamente, pois todas as queixas policiais não se transformavam em inquéritos, uma vez que ele era cercado por uma rede de proteção que corrompia todos os que o cercavam, algo como uma máfia. Isto perdurou por muitos anos, ou seja, os fatos eram encobertos e todos pensavam que ele era realmente um “homem divino”, por isso o denominaram de João de Deus (John of God), pois o conheciam somente através das informações divulgadas por sua instituição ou pelos seus admiradores. Até que, recentemente, muitos anos depois do início dos crimes, o mais poderoso canal de comunicação do Brasil, a TV

Globo, através de um prestigiado jornalista, Pedro Bial, em seu programa de entrevistas, conseguiu convencer algumas vítimas de assédio sexual a relatarem suas experiências no programa. Os depoimentos das vítimas tiveram uma repercussão estrondosa na sociedade brasileira e, no dia seguinte, o Ministério Público Estadual de Goiás solicitou a imediata investigação da polícia. João de Deus foi preso, em seguida condenado a mais de cem anos de prisão e atualmente cumpre prisão domiciliar, proibido de realizar atendimentos e curas.

Enfim, foi necessário um órgão imparcial, qual seja, um canal de televisão, para furar o bloqueio do encobrimento da realidade sobre este pervertido curandeiro, e revelar os fatos criminosos cometidos por ele, os quais eram ocultados pela imagem divina transmitida por seus admiradores e por seus pacientes.

O Raciocínio em Bloco dos Religiosos

Um hábito mental comum e, ao mesmo tempo, anticientífico dos crentes é o de raciocinar que, tudo nos livros religiosos está inseparavelmente conectado como em um bloco rígido. Ou seja, se um relato é confirmado como fato histórico, talvez através de uma descoberta arqueológica, então todos os relatos restantes são igualmente históricos. O texto sagrado é como um

monólito impossível de ser decomposto para análise das suas partes. Por exemplo, se um dia encontrarem uma peça de madeira no monte Ararat, os cristãos pensarão que é uma parte da Arca de Noé, então raciocinarão que todas as passagens da Bíblia, sem exceção, do Gênesis ao Apocalipse, são confirmações de que formam invariavelmente um conjunto homogêneo de fatos históricos. Algo como se as passagens bíblicas não pudessem ser decompostas para análise individual, ou seja, elas formam uma historicidade uniforme. Entretanto, a Ciência, a Historiologia e a Crítica Textual não raciocinam assim. Tal como concluem os estudos mais recentes, veremos adiante que os textos religiosos estão repletos da combinação de fatos históricos com mitos e lendas, bem como de mitos e lendas justapostos com fatos históricos. Após anos de estudos históricos e de debates, atualmente, é prudente pensar que Jesus existiu, mas não significa que tudo que está no Novo Testamento é história, mais precisamente, é uma justaposição de fatos históricos com ficções, por isso o atual projeto "Em Busca do Jesus Histórico", a fim de identificar o que é história e o que é ficção nos atos e nos ditos de Jesus.

Um fato que entusiasmou recentemente os hindus e os seguidores do Movimento Hare Krshna foi a espetacular descoberta da cidade submersa de Dwārakā (द्वारका), conhecida nos

textos hindus (Mahābhārata e Harivamsha) como fundada por Krshna e depois inundada pelo mar, tal como narrado nos últimos trechos do Mahābhārata e no Vishnu Purāna V.23.03 e 38.04.[2] A descoberta arqueológica aconteceu nos anos 1980, pelo arqueólogo Dr. S. R. Rao e sua equipe de mergulhadores, e levou muitos crédulos a precipitarem na afirmação, a partir de um raciocínio em bloco, de que a simples descoberta de algumas ruinas da submersa cidade portuária de Dwārakā é o suficiente para atribuir historicidade para todas as extensas narrativas do Mahābhārata, do Harivamsha e dos Purānas. Para eles, com a descoberta de algumas ruínas, então está provada a historicidade de tudo que se narra sobre Krshna, de todos os eventos do Mahābhārata, de todas as histórias no Harivamsha e no Livro 10 do Bhāgavata Purāna, de modo que estes textos não são mitos, mas sim relatos integralmente históricos. Esta precipitada afirmação nos deixa a pergunta se a simples descoberta de algumas ruinas é o suficiente para atribuir historicidade para o espetacular evento do erguimento da montanha Govardhana, apenas por uma das mãos de Krshna, tal como narrado no Bhāgavata Purāna X.25 e no Harivamsha 61?

---

[2] O Vishnu Purāna afirma que a cidade foi submersa pelas águas, exceto o templo (38.04), já o Mahābhārata afirma que tudo foi submerso.

Da mesma maneira, se provado que o Santo Sudário é mesmo o manto que cobriu o corpo de Jesus na sepultura, então está provada a historicidade de Jesus e, consequentemente, todos os eventos narrados nos Evangelhos são históricos, inclusive os milagres de curas, a multiplicação dos peixes, a caminhada sobre a água, a ressureição de Lázaro, a ressurreição do próprio Jesus, as aparições para os apóstolos após a morte, etc.?

Os Compositores Religiosos não são Historiadores

Por isso, os registros religiosos nem sempre são documentos históricos. De uma certa maneira casual, podemos extrair fatos históricos dos textos sagrados, mas é preciso saber identificar quando o texto narra um fato histórico e quando fala de uma ficção, de um mito ou de um boato. Mais do que a preocupação com a historicidade, os compositores de textos religiosos são admiradores, seguidores e doutrinadores, por isso estão mais interessados na exaltação, na pregação e na persuasão do que na documentação fiel dos fatos, tampouco utilizam critérios críticos nas composições ou nas compilações. Daí então que contos, mitos e boatos são acrescidos aos fatos, a fim de alcançar mais efeito persuasivo. Para o compositor

religioso, o importante não é a fidelidade histórica, mas sim a exaltação e o poder catequético, então vale até mudar a história para ser convincente.

Uma vez que não são historiadores comprometidos com o relato fiel dos fatos, cada compositor ou compilador de textos religiosos registra aquilo que mais combina com a sua ideologia ou com o seu programa catequético. Sendo assim, um mesmo personagem religioso poderá ter mais de uma versão, às vezes até antagônicas, sobre sua vida e seus ditos. Estas divergências podem ser quanto ao caráter de exaltação, ou quanto à exaltação e à hostilidade. Por exemplo, os Evangelhos Canônicos divergem dos Evangelhos Apócrifos, porém ambos exaltam Jesus, enquanto que os Evangelhos Canônicos divergem muito mais ainda dos evangelhos hostis registados na coleção Sefer Toledoth Yeshu (Livro sobre a Vida de Jesus) dos judeus, os quais depreciam e humilham Jesus, denominado nestes textos de Yeshu, por isso conhecidos também pelo nome de anti-evangelhos (Botelho, 2016a e Schäfer, 2014), bem como os relatos depreciativos sobre Yeshu (Jesus) registrados no Talmud Babilônico (Botelho, 2016b e Schäfer, 2007).

Assim, a confiança nos relatos nem sempre dependerá de qual é mais fiel à história, mas sim de qual religião ou seita o leitor ou o ouvinte está engajado. Se é um católico, ele confiará na versão sobre a vida e os ditos de Jesus dos Evangelhos

Canônicos, se é um judeu, confiará na versão sobre a vida e os ditos de Yeshu (Jesus) narrados no Talmude Babilônico ou na coleção Sepher Toledoth Yeshu. Ou se é um muçulmano, aceitará que Jesus foi um dos profetas que antecedeu Maomé, mas não é o filho de deus, e acreditará que Jesus não morreu na cruz, tal como mencionado na passagem do Alcorão 4.157 (Botelho, 2018: 05). Portanto, o critério dos religiosos não está no grau de historicidade de um relato, pois não são historiadores, mas sim na fé conforme a sua simpatia ideológica ou o seu engajamento religioso. Tal como veremos mais adiante, além da versão hindu, Krshna também possui uma versão hostil da sua vida e dos seus ditos, registrada em uma coleção conhecida por Jaina Purānas (Purānas Jainistas), também denominada de "Tradição Contra Purāna", onde Krshna é depreciado e humilhado (Cort, 1993: 185-206 e Jaini, 1993: 207-49). Também, Krshna é depreciado em alguns textos budistas, da mesma maneira que Buda é difamado no Bhāgavata Purāna XI.04.22, como uma encarnação divina que veio para iludir os seguidores (ver também: Agni Purāna 16.01-6). Enfim, os relatos dos textos religiosos são questões de fé e não questões factuais.

As Mudanças Após as Composições

Segundo as conclusões da Crítica Textual, além das divergências nas composições originais mencionadas acima, os textos religiosos também sofrem alterações após as composições, isto é, durante o período de transmissão oral ou manuscrita, o que resulta na multiplicidade de versões, de recensões e de edições. Para citar apenas um exemplo, uma das principais e mais extensas fontes para o conhecimento da vida de Krshna é o Harivamsha, uma hagiografia na forma de suplemento (खिलपर्वन् - Khilaparvan) do Mahābhārata, a qual a tradição hindu atribui autoria a K. D. Vyāsa, cuja versão vulgata possui a extensão de 16.374 versos, segundo M. Winternitz, (1990: vol. I, 424) ou 16.137 versos, segundo Ekkehard Lorenz (2007: 95 e 107n4). Entretanto, durante o processo de cotejo, para a preparação da edição crítica, P. L. Vaidya reuniu 4 edições impressas e 36 manuscritos em 8 diferentes escritas para comparação, sua edição criticamente reconstruída, publicada em 1969, somou apenas 6073 versos em 118 capítulos, uma vez que foram incluídos apenas os versos que eram comuns em todas as edições e em todos os manuscritos. Portanto, cerca de 10 mil versos, os quais ficaram de fora, devem ser interpolações posteriores à composição original (Vaidya, 1969: IX-XII; Lorenz, 2007: 95-7 e

Brodbeck, 2019: 33). A desconfiança sobre as interpolações é antiga, Maurice Winternitz apontou as suspeitas: “O Harivamsha não é a obra de um só compositor. O último terço dela é certamente um apêndice tardio ao apêndice e as partes restantes da obra são também peças provavelmente inseridas mais tarde em momentos bem diferentes” (Winternitz, 1990: vol. I, 424-5 - primeira edição 1907).

Segundo a atual Crítica Textual, os Purānas, de onde conhecemos os relatos da vida e dos ditos de Krshna, sobretudo o Bhāgavata Purāna livro 10, o Vishnu Purāna livro V e o Brahma Purāna 73-1-3, formam uma literatura enciclopédica, na qual cada obra é o resultado de sucessivos acréscimos em diferentes épocas. De modo que nenhum Purāna tem uma data única de composição, tampouco uma autoria única, eles são algo como uma enorme enciclopédia, na qual os episódios foram sucessivamente acrescidos ao longo de muitos séculos, quer durante o período de transmissão oral ou de transmissão manuscrita.

A Diferença entre “Historicidade” e “Crença na Historicidade”

Não são poucos aqueles que acreditam que, se são muitos os que acreditam na existência de um personagem, então aquele personagem realmente existiu. Sobretudo, se aquele

personagem tão acreditado aparece nos livros, nas artes, nas gravuras, nas decorações, em vídeos, nos comerciais, no cinema, etc. A insistência e a repetição da exposição de alguém na mídia pode levar um ingênuo a acreditar que aquele alguém existiu. Estes são os casos da crença no Papai Noel e no Coelho da Páscoa pelas crianças. Influenciadas pelos pais e pelo bombardeio da mídia, as crianças acreditam nestes contos, até serem desacreditadas pelos adultos quanto atingem, em regra quase geral, o início da adolescência. Isto porque as crianças não sabem diferenciar “historicidade” de “crença na historicidade”. Quando a mídia está divulgando a chegada do Natal ou da Páscoa, através da reprodução das imagens do Papai Noel e do Coelho da Páscoa respetivamente, ela não está divulgando a historicidade destes personagens dos contos, mas sim a crença na sua existência, de uma maneira que pareça real, a fim de fortalecer a crença das crianças e, consequentemente, tornar estes momentos festivos mais vivos no interior das famílias.

Tal como discutiremos mais adiante, algo semelhante acontece na mente de muitos autores hindus e de muitos simpatizantes do Hinduísmo, quando argumentam a favor da historicidade de Krshna. O simples fato deste personagem aparecer em extensas narrativas nos sagrados livros hindus (Mahābhārata, Harivamsha e

Purānas), nas inscrições antigas, nas incontáveis obras de arte, nos tantos poemas, nos inumeráveis baixo relevos nos templos, na dança, no teatro e até mesmo no cinema, é argumento suficiente para levar a acreditar na historicidade de Krshna. Alguns autores relacionam extensas listas de antigas fontes literárias, epigráficas e artísticas (Pusalker, 1955: 50-3), que somente reproduzem “crenças na historicidade”. Abundância de menções não é necessariamente atestado de veracidade, os boatos são multiplicáveis. O que estas mídias reproduzem ou exaltam é, a rigor, a “crença na historicidade” em Krshna, conforme a época e o lugar na Índia onde estas reproduções foram criadas, mas estes não são documentos definitivamente comprobatórios de que ele existiu, e se ele existiu, de que tudo o que se narra, ou se reproduz, sobre ele é rigorosamente fato. Enfim, o mero fato de “acreditar” na existência de alguém, e reproduzir a sua crença através de diferentes meios de comunicação, não é prova de que este alguém de fato existiu no passado. Quem faz isto está apenas reproduzindo o que acredita, ou o que os outros acreditam, e não atestando a historicidade, portanto não é documento histórico, apenas reprodução de credulidade. O que estes registros provam é apenas que, na época em que foram criados, Krshna já era acreditado e, por isso, adorado como uma divindade importante. Pois, a fim de saber se alguém ou um fato é

histórico ou não é preciso mais rigor historiográfico ou arqueológico, do que a simples crença na sua existência. Este é um sintoma comum na mente dos religiosos delirantes, ou seja, o de projetar a sua crença na realidade, isto é, o real é o que eu acredito.

As Principais Fontes para o Conhecimento da Vida de Krshna

Se for reunida todas as referências sobre este mestre hindu, o número de textos seria extenso. Muitas delas são apenas menções curtas, tal como a ainda discutida passagem do Chandogya Upanishad III.17.06: कृष्ण देवकीपुत्र - Krshna Devakīputra (Krshna, filho de Devakī), a qual é realmente a mãe de Krshna mencionada na tradição hindu. Entretanto, não são todos os autores que concordam que esta passagem se refere ao mesmo Krshna retratado nas outras tradições hindus, apesar da menção Devakīputra (filho de Devakī), uma vez que, na passagem acima, Krshna é instruído por um mestre denominado Ghora Āngirasa, cuja menção não aparece em todas as outras extensas lendas e hagiografias de Krshna. A tradição purânica não reconhece Ghora Āngirasa como o mestre de Krshna. Segundo os Purānas, Krshna foi instruído por Sāndīpani Muni na juventude (Vishnu Purāna V.21.02-3), e Garga Muni foi o guru da sua família

(Pusalker, 1955: 57; Bryant, 2007: 04 e 16-7 e para aprofundamento, ver: Majumdar, 1969: 02-5).

A mais antiga referência à palavra Krshna (कृष्ण) aparece em algumas passagens do Rg Veda, o mais antigo texto da tradição hindu. Porém, está claro que não se referem ao divino Krshna da tradição posterior. A palavra Krshna ora é mencionada como a cor negra em certos textos védicos (Taittiriya Samhitā V.02.05.05 e Shatapatha Brāhmana I.01.04.01), ou como um personagem demoníaco, tal como no Rg Veda VIII.85.13-5, no qual um Krshna, acompanhado de dez mil demônios, é derrotado pelo deus Indra.

Entretanto, estas menções não são ainda, obviamente, ao divino Krshna das tradições épicas e purânicas, bem como considerado uma encarnação (avatara) do deus Vishnu da religião vishnuísta mais tardia. Em ordem cronológica, as principais fontes antigas e extensas para o conhecimento de Krshna da tradição hindu são: o Mahābhārata, o Harivamsha[3] e os Purānas

---

[3] Destes, os relatos no Mahābhārata são os mais antigos. Os relatos do Harivamsha são mais antigos que os dos Purānas. Uma pista, dentre outras, para a identificação da maior antiguidade do Harivamsha, em relação aos Purānas, é a muito menor quantidade de palavras compostas que ultrapassam os limites do tamanho do pāda (pé) no verso, ou seja, uma palavra composta tem o seu início em um pāda e o final da palavra composta se estende para o início do pāda

(sobretudo o Bhāgavata Purāna livro X, o Vishnu Purāna livro V e o Brahma Purāna 73-103). Os dois primeiros já possuem edições críticas, porém, os purānas não, por isso a diversidade nas diferenças entre as edições destes últimos.[4] Fora da tradição hindu, as mais extensas fontes, embora muito mais curtas que os relatos hindus, são o Ghata Jātaka budista e os seguintes textos jainistas: o Uttarādhyayana Sūtra XXII, o Jaina Harivamshapurāna e o Pāndavapurāna.

---

seguinte, isto é, uma palavra composta começa em um pāda e termina no outro. A utilização de compostos longos que ultrapassam os limites do pāda começou a acontecer a partir dos primeiros séculos da era comum, pois não eram frequentes nos textos sânscritos anteriores a esta época. Edwin F. Bryant afirmou ter encontrado apenas a ocorrência de quatro casos de extrapolação de limites do pāda, por palavras compostas, em todo o texto da edição crítica do Harivamsha. Já no Livro 10 do Bhāgavata Purāna, ele contou a ocorrência de 303 casos e em todo o texto do Brahma Purāna, ele encontrou 93 casos (Bryant, 2007: 108n22).

[4] Para conhecer a diversidade nas recensões dos purānas, consultar: Rocher, 1986: 59-67. Algumas poucas publicações dos purānas, quer no texto sânscrito ou em traduções, são baseadas no cotejo de apenas poucos manuscritos, muito diferente do amplo e diversificado cotejo de muitos manuscritos, durante o trabalho de preparação para a edição crítica do Mahābhārata e do Harivamsha, pelo Bhandarkar Oriental Research Institute.

As esculturas de arte que reproduzem episódios da vida de Krshna não são fontes de conhecimento sobre sua vida, no sentido estrito, uma vez que são reproduções de tradições conhecidas pelos artistas e acreditas pelos devotos na época da criação da obra. Assim, a rigor, a fonte é a tradição, quer oral ou escrita, e não a obra de arte propriamente.

Tal como comumente encontradas, as versões podem variar de uma tradição para a outra, até mesmo dentro de uma mesma religião. Um mesmo mito pode aparecer em duas versões, mas com personagens e protagonistas diferentes. Por exemplo, nos purānas aparecem mitos, cujo roteiro é a mesmo, mas em um purāna shivaísta o herói é Shiva, enquanto que, em um purāna vishnuísta, com a mesma história, o herói é Vishnu. Ou, os dados sobre um mesmo mito podem variar flagrantemente. Por exemplo, os versos interpolados do Mahābhārata, em alguns manuscritos, afirmam que Krshna viveu 105 nos, porém os cálculos, a partir dos próprios dados do épico, apontam que ele viveu apenas 93 anos. O Vishnu Purāna (V.37.18) menciona que Krshna viveu mais de 100 anos e, para o Bhāgavata Purāna (XI.06.25), ele viveu até a idade de 125 anos. (Majumdar, 1969: 34). Apesar das divergências nas idades acima, Krshna viveu uma vida mais longa do que alguns dos mais conhecidos líderes das grandes religiões, tais

como Jesus (33 anos), do que Maomé (62 anos), do que Confúcio (70 anos), Mahāvīra (72 anos)[5] e Buda (80 anos). Também, divergências nos detalhes tais como, no Harivamsha 48.21, é o próprio Vasudeva, pai de Krshna, quem informa ao cruel rei Kamsa que sua esposa Devakī deu à luz uma criança. Mas, no Vishnu Purāna V.03.02 e no Bhāgavata Purāna X.04.01, são os guardas da prisão que informam ao rei sobre o nascimento da criança de Devakī.

Ademais, entre aqueles que admitem a historicidade de Krshna, existe uma até então insolúvel controvérsia sobre a data na qual este herói hindu viveu. A fim de determinar a data, alguns especuladores propõem que devemos nos basear na data da ocorrência da guerra do Mahābhārata. Entretanto, os palpites sobre as datações são tão dispares, que Bimanbehari Majumdar precisou de um capítulo de 35 páginas para analisar estas controvérsias (Majumdar, 1969: 01-35). As sugestões das datas da ocorrência da guerra do Mahābhārata têm uma distante variação, a qual vai desde o ano de 3102 a.e.c. até o século IV a.e.c., intermediadas por uma enorme quantidade de outras datas também

---

[5] Esta é a idade atribuída pela seita jainista Shwetāmbara, a seita rival, a Diganbara, alega que ele viveu apenas até a idade de 55 anos, ou seja, ao invés de falecer em 527 a.e.c., ele faleceu em 510 a.e.c.

hipotéticas (Bryant, 2007: 05). Também, estas sugestões são baseadas em dados de menções em textos e em inscrições compostos muitos séculos após a provável ocorrência da guerra, quando, muito provavelmente, o conhecimento sobre este evento já tinha se evolvido na névoa da mitologia. Um pesquisador concluiu que “a era Kali[6] foi inventada pelos astrônomos e pelos cronologistas hindus para propósitos de cálculos, mas isto só ocorreu alguns trinta e seis séculos após o ponto inicial que eles atribuem a ela” (Majumdar, 1969: 07). O fato de Krshna ser relatado em muitos textos antigos e mencionado em muitas inscrições também antigas, bem como reproduzido em esculturas artísticas, mesmo anteriores ao primeiro século a.e.c., é prova apenas de que Krshna, naquela antiguidade, já tinha sido elevado ao status de divindade, mas não é prova de sua existência, ou seja, apenas de que a crença em sua divindade já era popular entre os hindus desde aqueles tempos.

Se acreditarmos nos relatos reproduzidos na literatura hindu, Krshna não foi o mesmo desde o início, os pesquisadores percebem um gradativo progresso na sua ascensão à divindade, desde a figura de um demônio inimigo de Indra no Rg

---

[6] O Bhāgavata Purāna XII.02.33 afirma que a Kali Yuga iniciou com a morte de Krshna.

Veda, até o seu ápice como a Suprema Divindade, nas partes interpoladas mais tardiamente no épico e nos purānas. Por exemplo, A D. Pusalker enumerou as seguintes fases de crescimento no Mahābhārata:

1. Nas partes mais antigas desse épico, Krshna é representado como um herói humano, um mestre religioso e um conselheiro dos Pāndavas.
2. Nas partes interpoladas mais tarde, ele é elevado gradualmente ao status de divindade, como uma encarnação parcial e semidivina de Vishnu.
3. Nas partes interpoladas por último, ele se torna o Supremo Deus, a plena encarnação de Vishnu e, finalmente, identificado com Brahman (o Absoluto).

Um desenvolvimento semelhante também acontece nos purānas, no qual Krshna é um herói yādava, que passou a sua infância em Gokula e depois se mudou para Dwākarā, por último foi divinizado como uma encarnação de Vishnu-Nārāyana. Também, em uma passagem mais adiante, este mesmo autor observou: “É somente nas lendas tardias, coloridas com mitologia, que Krshna é tratado como um ser divino, e as conclusões de que Krshna não foi um herói humano, mas uma divindade solar ou uma divindade da vegetação, são baseadas em lendas tardias, como o resultado de ver a história desde

uma extremidade errada" (Pusalker, 1955: 51-2 e 56). Ou seja, é como se, ao invés de entender a história de Krshna desde uma perspectiva de começo, meio e fim, seria como entende-la apenas da perspectiva do seu fim. Em suma, por mais que pareça absurdo para um devoto, Krshna pode ter sido um herói humano em um passado distante, mas sua divinização é uma invenção das gerações subsequentes.

O Alto Teor Fantástico das Hagiografias

Os relatos sobre a vida de Krshna são tão fantasiosos que, às vezes, misturam mitos com fábulas, ou seja, os personagens humanos interagem com os personagens animais. Um exemplo fabuloso é o episódio conhecido por "O Conto da Joia Syamantaka", no qual uma das muitas esposas de Krshna foi Jāmbavatī, filha do rei dos ursos (ऋक्षराज - rsharāja), conhecido por Jāmbavān (ou Jāmbavat), portanto ele se casou com uma filha de um urso (ऋक्ष - rsha). O relato de como Krshna obteve Jāmbavatī é narrado no Bhāgavata Purāna X.56.01-32, no Vishnu Purāna IV.13, no Harivamsha 28.01-29 e resumidamente no Agni Purāna 275.40-4, com diferenças nos detalhes. A joia tinha sido roubada por um leão

(केशरीन् – kesharīn),[7] então o rei dos ursos, Jāmbavān, matou o leão e roubou a joia. Ao saber do ocorrido, Krshna se dirigiu ao buraco (caverna) (बिलं – bilam)[8] onde habitava o urso Jāmbavāt, lutou com ele por vinte e um dias, por fim recuperou a joia. Em reconhecimento pela derrota, Jāmbavān entregou a sua filha Jāmbavatī em casamento a Krshna. Enfim, Krshna teve tantas esposas[9] que se casou até com uma ursa (ऋक्षा – rkshā). Agora, imagine o abraço de uma ursa durante a lua de mel, cujo fato, se acreditarmos no relato, pode ter ocorrido, pois, o Vishnu Purāna

---

[7] No Bhāgavata Purāna X.56.14, a palavra para "leão" é kesharīn (केशरीन्), enquanto que no Harivamsha 28.15, a palavra para leão é simha (सिंह).

[8] O substantivo neutro bilam (बिलं) é traduzido por "caverna" neste episódio pelos tradutores. Porém, apesar da palavra bilam também significar "caverna", esta é uma tradução eufemística, a fim de minimizar o significado selvagem dos personagens deste conto, uma vez que os significados mais comuns são: "buraco", "cavidade", "cova", "fenda", e "covil", significados estes que são mais apropriados para o local de permanência de animais. Deriva da raiz verbal बिल् - bil, "separar", "fender" ou "dividir". (Apte, 1978: 701 e Spokensanskrit.org).

[9] O Brahma Purāna 95.12-8 menciona que Krshna casou-se com 16.100 virgens, ao assumir diversas formas, no entanto que cada esposa considerava que Krshna tinha se casado apenas com ela.

(V.32.01 e 35.01) menciona que ela teve um filho com Krshna chamado Shāmba.

Alguns casamentos de Krshna são narrados no Bhāgavata Purāna X.58. Em um deles, ele se casou com uma jovem chamada Kālindī, a qual lhe disse residir em uma mansão construída por seu pai sob as águas do rio Yamunā, e que pretendia permanecer lá até ver o imortal Krshna (V.58.22). Em outro, ele forçadamente levou embora a jovem Mitravindā, filha de sua tia paterna, portanto sua prima em primeiro grau, durante uma cerimônia de swayamvara (pré casamento), enquanto todos os reis permaneciam observando (X.58.31). No final do capítulo, é mencionado que ele teve milhares de outras esposas (X.58.58).

Não é apenas com aninais que os humanos interagem nos Purānas, mas também com elementos da natureza. Em uma passagem do Vishnu Purāna V.21.04, o mar fala. Depois de serem instruídos pelo mestre Sāndīpani, Krshna e dois jovens yadavas lhe ofereceram um pagamento em recompensa. O mestre aceitou e pediu que recuperassem o seu filho que morreu afogado no mar. Krshna e os jovens marcharam em direção ao oceano e, chegando lá, o mar lhes disse: “Eu não matei o filho de Sāndīpani, foi um demônio chamado Panchajana, que vive na forma de uma concha, do tamanho de um menino, ele ainda está sob minhas águas”. Em passagens

como estas, é possível percebeu o alto grau de imaginatividade dos mitos puránicos.

Mais do que no relato das vidas de outros líderes religiosos mais recentes (Buda, Jesus e Maomé), a separação do que é mito e do que possivelmente é história nas hagiografias de Krshna torna-se mais difícil, para não dizer que poderá ser impossível, em virtude da maior antiguidade da provável época, na qual este herói hindu viveu, bem como da maior ausência de documentos contemporâneos e imparciais, bem como de vestígios arqueológicos e epigráficos, devidamente reconhecidos como históricos, o que força a confiança exclusiva nos relatos confessionais por religiosos. Portanto, a construção de um projeto “Em Busca do Krshna Histórico”, tal como existe para outros visionários religiosos, não possui o mesmo ímpeto do que em outros projetos atuais, em virtude da maior dificuldade, por isso a escassez de estudos críticos sobre o assunto. O motivo é claro, Krshna está envolto em mitos e em façanhas tão espetaculares, de uma maneira tão densa e envolvente, que é muito mais difícil filtrar a sua historicidade, do que nos relatos de outros personagens, ou seja, seus relatos são elogiosos e fantasiosos demais para que sejam tomados como históricos. Ademais, o caráter apologético dos textos é muito extravagante, Krshna sempre sai vitorioso, nunca é derrotado, até mesmo nos

momentos quando realizou ações reprováveis, tais como roubo de manteiga, desastre ambiental, truques maliciosos durante a batalha e incontáveis assassinatos, seus abusos são aprovados.

Ademais, outra dificuldade é que, além da dubiedade sobre a historicidade de Krshna, todos os outros personagens contemporâneos ao seu redor não possuem historicidade confirmada, portanto todos estão também envoltos na mesma densa névoa de ficcionalidade. Diferente de outros personagens com historicidade duvidosa, mas com a historicidade dos seus contemporâneos, bem como com eventos, devidamente comprovados, a vida de Krshna indispõe de tudo isto. Por exemplo, a historicidade de Jesus pode ser questionada, ou mesmo a veracidade de alguns dos relatos da sua vida e dos seus ditos, porém não podemos questionar a historicidade de alguns dos seus personagens contemporâneos e de alguns eventos daquela época, tais como Pôncio Pilatos, Herodes e a crucificação (uma prática frequente no Império Romano), daí que é mais fácil localizar a época, se confirmada a historicidade, na qual Jesus viveu. Na vida de Krshna, nada disto está disponível, quando aplicamos rigores históricos, tampouco existem vestígios arqueológicos e epigráficos, que não sejam baseados ingenuamente na “crença” em sua historicidade, registrados muitos séculos depois, apesar dos argumentos contrários dos

defensores da sua historicidade, tal como veremos mais adiante.

Também, um fato recorrente é o hábito, muito comum entre os defensores da historicidade de Krshna, o qual, de certa maneira, está mais para um vício confessional, de considerar que a mera referência a Krshna em obras hindus é um exemplo de sua existência, sem antes comprovar se esta é realmente uma referência histórica ou uma referência mitológica. Pois, primeiro é preciso comprovar se a passagem é histórica, pois a autoridade religiosa de uma obra não implica necessariamente em sua autoridade histórica, isto é, não é pelo motivo de uma obra ser canonizada pela religião que ela reproduza, obrigatoriamente, fatos históricos, a qual trata de personagens e fatos reais. Em outras palavras, quando encontramos a menção de alguém ou de um fato em uma antiga obra religiosa, devemos estar atentos para saber identificar se não se trata de uma referência a um conto, ainda mais antigo, o qual, no tempo da composição da obra posterior, que menciona este alguém ou este fato, já tinha se transformado em uma crença consolidada neste personagem ou neste fato aceita como fato verídico. Pois, do contrário, voltaremos à questão da já mencionada confusão entre “historicidade” e “crença na historicidade”, cuja diferença é muito grande. Uma confusão muito comum no meio religioso.

Outrossim, em muitas destas antigas obras hindus, acreditadas pelos defensores da historicidade de Krshna como documentos históricos, não se conhece a autoria, a época quando foram escritas, quando muito, apenas datas aproximadas cercadas de controvérsias, o tanto que a tradição foi alterada desde a composição oral até o registro escrito, tampouco se conhece o manuscrito autógrafo, a fim de saber o tanto que foi alterado desde a composição original até a edição atual, o local da composição, bem como se são composições originais ou se são compilações de tradições anteriores e, o que é desvantajoso para a pesquisa, a grande quantidade de obras perdidas, cujas citações existem, mas não são mais encontradas, as quais poderiam conter informações contrárias. Portanto, por conseguinte, são referências a personagens e a fatos em obras que carregam consigo todas estas omissões e estes problemas acima, por isso estas obras só são acreditadas e utilizadas em cursos de Hinduísmo ou entre adeptos e simpatizantes do Hinduísmo, por professores com formação religiosa, e nunca em cursos de história entre professores e alunos laicos. Em suma, somente os adeptos e os professores de Hinduísmo acreditam que estas obras não são mitológicas, mas que, ao contrário, reproduzem fatos confiadamente históricos.

Portanto, nos parágrafos seguintes, mostraremos e analisaremos esta dificuldade, a partir das principais apologias hindus: Mahābhārata, Harivamsha e Purānas, bem como dos relatos depreciativos e, às vezes, hostis, preservados nos textos budistas e jainistas, estes últimos formando algo como um conjunto de "contra-hagiografias".

O Nascimento de Krshna

Este episódio é narrado em menor extensão e detalhe no Vishnu Purāna V.03 e mais detalhadamente no Harivamsha 48 (EC) e no Bhāgavata Purāna X.03-05. As versões coincidem e, ao mesmo tempo, divergem em alguns pontos. O nascimento de Krshna é um evento milagroso e espetacular, sua sobrevivência à fúria do cruel rei Kamsa, quem estava determinado a matar todos os filhos de Devakī, por isso a mantinha prisioneira em seu palácio, juntamente com o seu marido Vasudeva, os pais biológicos de Krshna, conforme a profecia de que um filho de Devakī mataria o rei Kamsa, foi um ato de artimanha bem-sucedido, com o auxílio da deusa Yoganidrā (deusa do sono) e com a anuência dos deuses do céu.

Conforme os relatos coincidentes nas três versões acima citadas, Devakī e Yashodā conceberam no mesmo dia, por isso o oitavo filho de Devakī (Krshna) e a filha de Yashodā

nasceram na mesma noite e na mesma hora (meia noite). Durante o aprisionamento, os sete filhos anteriores de Devakī foram mortos pelo rei Kamsa, temendo que algum deles pudesse ser aquele que o mataria. Na noite do nascimento de ambos os bebês, a deusa Yoganidrā fez os guardas do palácio adormecerem, então Vasudeva pegou o recém-nascido Krshna, o levou até a aldeia, sem ser percebido, encontrou a também recém-nascida filha de Yashodā, a retirou do berço, colocou Krshna no seu lugar e levou a filha de Yashodā para o palácio e a colocou nos braços de Devakī, realizando assim uma troca de bebês, a fim de passar a ideia de que, desta vez, o bebê de Devakī era uma filha, e não mais um filho, o que evitaria a morte pelo rei Kamsa. Ao saber de mais um nascimento, Kamsa correu imediatamente até a cela de Devakī e pediu para examinar o bebê, percebendo então que, desta vez, se tratava de uma filha, por isso não justificaria a sua morte, evitou executá-la. Através desta artimanha da troca de bebês, Krshna sobreviveu e foi criado por seus pais adotivos Nanda e Yashodā na aldeia de Gokula.

O intrigante neste episódio é que ele é um, dentre muitos, que retrata a inépcia em algumas passagens dos mitos. Pois, para evitar que a profecia de sua morte, através de um filho de Devakī, fosse realizada, Kamsa não precisava matar cada dos filhos de Devakī que nascesse,

bastaria que mantivesse ela e o seu marido em selas separadas, a fim de que ela não concebesse, então as mortes seriam desnecessárias. Inacreditável que o rei Kamsa não tivesse esta ideia, ou que ninguém da corte lhe tivesse sugerido.

Os Milagres Cômicos na Infância

Alguns episódios na vida de Krshna são tão fantasiosos que chegam a ser cômicos, o que nos faz lembrar os milagres também cômicos na infância de Jesus, registrados em um conjunto de textos apócrifos conhecido por “Evangelhos da Infância de Jesus” (ver: Ehrman, 2011: 03-193). A diferença entre ambos os relatos é que os últimos não foram canonizados pela Igreja dominante, por entenderem os bispos que os evangelhos são textos históricos, portanto estes pareceriam ridículos. Enquanto que, os relatos nos textos sobre a infância de Krshna foram reconhecidos pelo Hinduísmo, porém com menor significação histórica, mediante o entendimento de que estes milagres extravagantes carregavam significados metafísicos.

Dos milagres de Jesus na infância, são particularmente cômicos os seguintes episódios extraídos principalmente do Evangelho Árabe da Infância e do Evangelho da Infância por Tomé o Israelita:

1. Jesus fala no berço ainda bebê:

Em ordem cronológica, o primeiro milagre de Jesus aconteceu quando tinha acabado de nascer, ainda bebê no berço, quando falou para a sua mãe; “Eu, que nasci de ti, sou Jesus, o Filho de Deus, o Verbo, como te anunciou o anjo Gabriel, e meu Pai me enviou para a salvação do mundo” (Evangelho Árabe da Infância, cap. I; Platt Jr., 1926: 38). Este milagre é mencionado no Alcorão XIX, 30-1, mas com uma redação diferente[10].

2. Medida de tábua não era problema:

O pai de Jesus era carpinteiro e costumava fazer arados e cangas. Ele recebeu um pedido de um homem rico para fazer uma cama. Mas, quando a medida de uma das vigas transversais ficou pequena demais, ele não soube o que fazer. O menino Jesus disse ao seu pai, “coloque as duas peças de madeira sobre o chão e as alinhe do meio para a extremidade”. José fez assim, tal como a criança disse. Então, Jesus se colocou na outra extremidade, pegou a tábua mais curta e a esticou até alcançar o mesmo comprimento da outra (Evangelho da Infância por Tomé, cap. 13; Elliott, 1993: 78 e Ehrman, 2003: 60-1). Algo como

---

[10] A mais conhecida obra de bebê que fala, no mundo do entretenimento, é a trilogia “Look Who’s Talking” (1989), “Look Who’s Talking Too” (1990) e “Look Who’s Talking Now” (1993), três comédias que alcançaram muito sucesso na época do boom do VHS nos anos 1990, estrelado por Kirstie Alley, John Travolta e George Segal.

se a tábua fosse uma borracha que estica, mas não volta ao estado anterior.

3. As estátuas de barro:

Quando Jesus completou sete anos de idade, ele brincava um dia com outras crianças de sua idade. Para divertirem-se, eles faziam com o barro imagens de animais, tais como lobos, asnos, pássaros, e cada um elogiava o seu próprio trabalho, esforçando-se para que fosse melhor do que os dos seus companheiros. Então Jesus disse para as outras crianças: ordenarei às estatuas de barro que fiz que andem e elas andarão. E então Jesus ordenou às imagens que andassem e elas imediatamente andaram. Quando ele mandava voltar, elas voltavam. Ele havia feito estátuas de pássaros que voavam quando ele ordenava que voassem e paravam quando ele dizia para parar, e quando ele lhes dava bebida e comida, eles bebiam e comiam (Evangelho Árabe da Infância; Platt Jr., 1926: 52-3).

4. Jesus, tintureiro adivinho:

Certo dia, em que brincava e corria com outras crianças, Jesus passou em frente a uma loja de um tintureiro que se chamava Salém. Havia nesta loja tecidos que pertenciam a um grande número de habitantes da cidade, e que Salém se preparava para tingir de várias cores. Tendo Jesus entrado na loja, pegou todas as fazendas e jogou-as na caldeira. Salém ficou apavorado e disse: “Que fizeste tu, ó filho do Maria? Prejudicaste a mim e aos meus clientes”. Então, Jesus respondeu: “Qualquer fazenda que queira mudar a cor eu mudo”. E ele retirou as fazendas da caldeira, e cada uma estava tingida da cor que

desejava o tintureiro. (Evangelho Árabe da Infância; Platt Jr., 1926: 53).

5. A explosão da cobra:

José enviou seu filho Tiago para recolher lenha e trazê-la para casa. Jesus o acompanhou. Enquanto Tiago estava recolhendo a lenha, uma cobra mordeu sua mão. Quando ele estava estirado no chão para morrer, Jesus apareceu e soprou o local da mordida. A dor passou imediatamente, a cobra explodiu e Tiago recuperou a saúde (Evangelho da Infância de Jesus por Tomé, cap. 16; Elliott, 1993: 79 e Ehrman, 2003: 61).

6. Jesus ressuscita um menino para inocentar-se:

Jesus estava brincando num terraço de uma casa e uma das crianças, com quem brincava, caiu do terraço e morreu. Quando as outras crianças viram o que tinha acontecido, elas fugiram, de maneira que Jesus permaneceu lá sozinho. Quando os pais do menino que caiu chegaram, eles acusaram Jesus. Mas Jesus disse, "Eu não o empurrei". Mas eles começaram a acusá-lo publicamente. Então, Jesus foi até o local do menino acidentado e com voz alta gritou, "Zenon (era o nome do menino) levanta-te e diga-me, eu empurrei você?" O menino imediatamente levantou-se e disse, "não, você não me empurrou, mas você me ressuscitou". Quando os outros viram isto, eles ficaram impressionados (Evangelho da Infância por Tomé, cap. 09; Elliott, 1993: 78 e Ehrman, 2003: 60).

7. Milagre para compensar um descuido:

Quando Jesus tenha seis anjos, sua mãe lhe entregou um jarro para que buscasse água para sua casa. Mas, ele tropeçou na multidão e o jarro quebrou. Então, Jesus abriu o mando que usava e o encheu de água, carregando a água até sua mãe (Evangelho da Infância por Tomé, cap. 11; Elliott, 1993: 78 e Ehrman, 2003: 60).

8. O imprevidente carpinteiro José é socorrido mais uma vez por Jesus:

Um dia, o rei de Jerusalém mandou chamá-lo e disse; “Eu quero, José, que me faças um trono segundo as dimensões do lugar onde costumo sentar-me”. José obedeceu, e pondo mãos à obra, passou dois anos no palácio para construir o trono. E quando foi colocado no lugar, perceberam que de cada lado faltavam dois palmos a menos da medida fixada. Então o rei ficou bravo com José, que temendo a raiva do monarca, não conseguia comer e deitou-se em jejum. Então, Jesus perguntou-lhe qual era a causa do seu receio, e ele respondeu: “É que a obra que trabalhei durante dois anos está perdida”. E Jesus respondeu-lhe: “Não tenha medo e não perca a coragem, pega este lado do trono e eu do outro, para que possamos dar-lhe a medida exata”. E José tendo feito o que lhe havia pedido Jesus, e cada um puxando para um lado, o trono obedeceu e ficou exatamente na dimensão desejada (Evangelho Árabe da Infância; Platt Jr., 1926: 53-4)

Alguns dos milagres mais cômicos na infância de Krshna são os seguintes:

1. A fala logo após o nascimento:

Krshna falou quando recém-nascido. Logo após seu nascimento, antes da troca com a filha de Yashodā e Nanda, ele falou assim para a sua mãe (Devakī): “Princesa, em tempos anteriores eu fui louvado por ti e adorado na esperança que tivesse um filho, suas súplicas foram atendidas, pois eu nasci seu filho” (Vishnu Purāna, V.03.01). No Brahma Purāna 73.18, a fala é a seguinte: “Antes, ó senhora gentil, eu fui elogiado por ti, desejosa de um filho. Uma vez que eu nasci agora de seu ventre, sua oração tornou-se frutífera”. No Bhāgavata Purāna X.03.32-45, ele também fala para sua mãe Devakī, logo após o nascimento, porém transfigurado na forma divina de Vishnu, através de um texto mais extenso, isto é, 14 versos, onde ele recorda as suas encarnações anteriores e as de seus pais Vasudeva e Devakī em eras do passado, informando os nomes de seus pais naquelas ocasiões. Após a fala, ele retorna à forma de um bebê humano.

2. O tombamento da carroça quando bebê no berço:

Em uma ocasião, Krshna foi deixado por uma de suas mães, Yashodā[11], deitado no berço dormindo em baixo de uma carroça. Desejoso de mamar, Krshna esperneou e chutou a carroça, a qual tombou e permaneceu de cabeça para baixo.

---

[11] Krshna foi filho biológico de Devakī, mas sua mãe de criação foi Yashodā.

As circunstâncias deste evento divergem no Harivamsha 50.04-29 (Edição Crítica) e no Bhāgavata Purāna X.07.04-11. No primeiro, Yashodā deixou o bebê Krshna debaixo da carroça para ir até o rio Yamunā, a fim de banhar-se (Harivamsha, 50.04 – Edição Crítica). No Bhāgavata P. X.07, o evento aconteceu durante a celebração da cerimônia Utthāna[12] de Krshna, quando Yashodā, ocupada com os convidados da cerimônia, não ouviu os choros de Krshna desejando mamar. A propósito, a ordem é narrada ao inverso, pois, no Harivamsha, o episódio do tombamento da carroça é narrado primeiro que o episódio do assassinato da demônia Pūtanā, já no Bhāgavata Purāna é o contrário. O Brahma Purāna segue a ordem deste último.

3. O assassinato da demônia Pūtanā:

Na versão do Harivamsha 50.20-9 (Edição Crítica), a demônia Pūtanā apareceu para o bebê Krshna, à meia noite, enquanto os outros estavam dormindo, disfarçada de uma ave. Ela ofereceu o seu seio,[13] Krshna sugou o seio dela, mas também

---

[12] Trata-se de uma cerimônia, conhecida por Utthāna, para celebrar a primeira tentativa do bebê de mover-se para a posição de bruços, a fim de tentar ficar de pé no berço pela primeira vez.

[13] Uma ave com seio só mesmo na fantasia dos mitos, uma vez que aves não são animais mamíferos, mas sim ovíparos, portanto não possuem seio para amamentação de filhotes.

a sua vida, imediatamente a ave caiu ao chão morta. Na versão do Bhāgavata Purāna X.6, a demônia Pūtanā, a má alma assassina de criança, vagando em busca de bebês, apareceu em Gokula na forma de uma bela e charmosa jovem, encantando a todos. Por acaso encontrou a residência de Krshna, deitado na cama. A demônia o coloco no colo e o amamentou com seu seio repleto de leite envenenado. Mas Krshna apertou o seu seio com suas mãos e sugou o leite juntamente com a vida dela. Não suportando a dor, ela gritou em desespero e, em seguida, caiu morta.

Curioso de se observar é o supersticioso rito nojento executado por sua família, logo após este episódio, a fim de garantir a proteção de Krshna contra outros maus espíritos. Trata-se da cerimônia de agitação do rabo da vaca (गोपुच्छ-gopuccha) em torno da criança. Durante este insalubre rito, Krshna foi banhado com urina de uma vaca (गोमूत्र-gomūtra) e lambuzado com pó proveniente dos cascos das patas da mesma vaca, bem como a aplicação de estercos da vaca (गोशकृत्-goshakrt) em doze diferentes partes do corpo, acompanhados da pronúncia de doze

---

Talvez, a alteração na versão do Bhāgavata Purāna, uma bela jovem no lugar de uma ave, tenha sido feita para corrigir a comicidade fisiológica da menção de uma ave com seio.

nomes do Senhor, tal como um talismã espiritual (Bhāgavata Purāna X.06.19-20 e resumidamente em Brahma Purāna 75.12-3).

4. A destruição das duas árvores arjunas:

Este conto é narrado em mais detalhes no Harivamsha 50.13-37 (Edição Crítica). A mãe de criação de Krshna, Yashodā, cansada com as peraltices do seu filho, agora mais crescido, decidiu amarra-lo com uma corda na sua barriga e com isso prendê-lo a um almofariz, a fim que ele permanecesse quieto. A criança conseguiu arrastar o almofariz pelo quintal, rindo e correndo de uma maneira que o almofariz se prendeu em duas árvores arjunas e as derrubou. Os moradores ficaram surpresos com o milagre, uma vez que não tinha ocorrido ventanias, tempestades, queda de raios, passagem de elefantes em fúria, etc. Como uma criança poderia derrubar duas árvores tão enormes? Estas eram duas árvores que concediam desejos, com isso os moradores da aldeia lamentaram a destruição das árvores. Na verdade, eram dois siddhas encarnados na forma de duas árvores. A lição do conto é um prenúncio dos futuros ensinamentos de Krshna, o motivo da destruição das árvores que concediam desejos é a orientação para que eliminemos os desejos egoístas, tão enfatizada no Bhagavad Gītā.

5. O erguimento da montanha Govardhana por sete dias com apenas uma mão:

Ao saber do cancelamento do seu festival pelos moradores de Gokula, Indra (Shakra) se enfureceu e ordenou a sua hoste de nuvens carregadas, a qual executa a destruição do universo, que despejassem uma chuva torrencial sobre a aldeia, a fim de destruí-la. Ao fazê-lo, uma enorme enchente ocorreu, causando um grande desastre ambiental, com a destruição de plantas e de animais. Desesperados, os moradores, tremendo de medo, recorreram à ajuda de Krshna, quem, ao perceber que Indra estava por trás deste desastre, enfureceu-se e decidiu proteger os moradores, bem como os seus bens e os seus rebanhos. Para evitar a ventania violenta e a chuva torrencial, ele, embora uma criança, arrancou a montanha Govardhana, a ergueu da superfície, a colocou acima da aldeia e, tal como um cogumelo gigante[14], ordenou que todos os moradores, com seus bens e seus rebanhos, se colocassem abaixo da montanha erguida, a fim de se protegerem da ventania e da chuva. Krshna permaneceu erguendo esta montanha por sete dias com apenas a mão esquerda, sem se mover da sua posição, até a tempestade parar. O lado bom foi que, durante o erguimento da superfície, a montanha revelou depósitos de prata e de ouro (Harivamsha, 61.37).

---

[14] O Vishnu Purāna V.11.01 compara com um “guarda-chuva”.

Este episódio é narrado no Bhāgavata Purāna X.25, no Vishnu Purāna V.11 e no Harivamsha 61 (EC), a narrativa deste último texto é mais longa e mais detalhada, com divergências entre as três narrativas em alguns pontos. A narrativa do Vishnu Purāna é um resumo da narrativa do Bhāgavata e, este último, por sua vez, um resumo da narrativa do Harivamsha ou, ao contrário, este último é uma ampliação das duas outras narrativas. As repetições e os versos em comum nestas três obras indicam que foram extraídas de uma fonte tradicional comum (Tagare, 1988: 1416n1). Agora, a questão, o que é possível extrair de histórico destes episódios tão fantasiosos?

A Hipótese dos Três Krshnas

Entre aqueles que acreditam na completa historicidade de Krshna, ou seja, que tudo nos relatos são fatos históricos do começo ao fim, estão os que defendem a existência de três diferentes Krshnas: o Krshna dos Purānas (e do Harivamsha), o Krshna do Mahābhārata e o Krshna do Bhagavad Gītā (e de certa maneira, o do Anugītā), em virtude das grandes diferenças na personalidade e nos comportamentos, bem como na história destes três Krshnas. No Mahābhārata, não é mencionada a infância e a juventude de Krshna, na primeira aparição, ele surge já como

um adulto. Os Purānas mais antigos não mencionam a ligação entre Krshna e os Pāndavas, tal como é central no Mahābhārata, bem como a guerra em Kurukshetra não é mencionada nos Purānas. Também, o alto nível de moralidade dos ensinamentos de Krshna no Bhagavad Gītā contrasta com suas artimanhas e suas trapaças realizadas em outras partes do Mahābhārata. O Harivamsha trata de episódios da vida de Krshna que são omitidos no Mahābhārata, embora algumas poucas passagens neste último texto fazem referência aos episódios da infância e da juventude de Krshna. A tradição hindu sustenta que o Harivamsha e os Purānas foram compostos a fim de revelar o que o Mahābhārata omitiu.

Também, a sugestão de que o libertino e libidinoso Krshna dos Purānas e do Harivamsha, através dos seus relacionamentos amorosos com as Gopīs (vaqueiras de Gokula), não pode ser a mesma pessoa que o amigo e conselheiro dos Pāndavas do Mahābhārata, menos ainda a mesma pessoa que o grande mestre de sabedoria do Bhagavad Gītā e do Anugītā.

Entretanto, esta hipótese não é compartilhada por todos os defensores da historicidade. A maioria dos crentes na historicidade de Krshna acredita que todos estes são apenas um Krshna, porém com episódios e aspectos de sua vida narrados em diferentes textos, em razão da extensão. As diversidades

entre moralidade e trapaça são exemplos das diferentes maneiras pelas quais a divindade atua em distintas circunstâncias.

Talvez a explicação mais razoável para estas diferenças nas narrativas sobre os distintos comportamentos de Krshna seja o fato de que estes textos, Mahābhārata, Harivamsha e Purānas, foram tão interpolados, por muitos séculos, por tantos autores diferentes, por tantas vezes que, com o tempo, cada vez mais as narrativas foram se multiplicando, de tal maneira que as contradições apareceram, perdendo assim a homogeneidade da narrativa inicial. A sugestão de reconstrução do que é puramente histórico na vida de Krshna por A. D. Pusalker (1955: 67-74), excluindo o que é mitologia, é problemática, uma vez que muitos dos relatos ainda são muito mitológicos, para que sejam considerados históricos. Ele incluiu como historicidade a profecia da morte do rei Kamsa pelo oitavo filho de Devakī, a troca dos bebês no nascimento de Krshna, que Vasudeva (pai de Krshna) conseguiu alcançar Gokula, para fazer a troca de bebês, com a ajuda de guardas da prisão insatisfeitos com a tirania de Kamsa. Ele também incluiu como histórico o milagre do tombamento da carroça por Krshna ainda bebê, a destruição das duas árvores arjunas por Krshna amarrado ao almofariz quando criança e o erguimento da montanha Govardhana como um meio milagroso extraordinário. Ele também

considerou a grande batalha de Kurukshetra como um fato histórico, mas apontou as tantas divergências quanto à data da ocorrência (1955:74).[15] A maioria dos eventos ele retirou do Mahābhārata, uma vez que este é o texto menos mitológico (sobretudo a edição crítica), entre todos os que relatam Krshna, tal como é possível perceber quando os comparamos.

O Pioneirismo de Bankimchandra Chatterjee (1838-94)

Ele foi o primeiro autor indiano a realizar um estudo crítico sobre a vida de Krshna, a partir do criticismo do Mahābhārata e dos Purānas introduzido pelos pesquisadores europeus no século XIX. Sua habilidade crítica na obra Krshna Caritra (1ª edição 1886 e 2ª edição 1892)[16] fez com que a mesma se transformasse em um clássico da literatura bengalês e, em seguida, incentivou a realização de alguns poucos trabalhos críticos posteriores sobre a vida desta divindade hindu.

Ele escreveu seus comentários críticos tendo como objetivo de fundo o nacionalismo indiano. Para ele, Krshna foi a perfeita

---

[15] A data mais sugerida pela tradição hindu é 3.102 a.e.c., apesar da enorme controvérsia entre os pesquisadores.

[16] 1ª edição: 198 páginas e 2ª edição: 522 páginas.

incorporação dos melhores ideais de humanidade. Ele utilizou o exemplo de Krshna como forma de incentivo ao nacionalismo, Krshna era o herói capaz de levantar este sentimento nos indianos. Para ele, Krshna, de acordo com o Mahābhārata, foi um estadista visionário empenhado em alcançar a unidade da Índia. Também, que o mais antigo relato da vida de Krshna está no épico, portanto os eventos que não estão relatados neste texto devem ser descartados como meras fantasias poéticas (Majumdar, 1969: 233-4).

Ele não foi o primeiro, mas enfatizou a existência de muitas interpolações no Mahābhārata. Na primeira edição da sua obra (1886), ele afirmou que os versos referentes à vida de Krshna em Vrndāvana eram interpolações, e que os casos amorosos de Krshna e as Gopīs eram todos infundados, eles foram meros produtos da imaginação fantasiosa dos autores dos Purānas. Ele foi ainda mais longe ao afirmar, na primeira edição, que a história da transferência de Krshna para a residência de Nanda à meia noite, bem como todos os eventos relacionados à infância e à adolescência em Vraja eram falsos e infundados, até mesmo negou que Kamsa era o tio materno de Krshna (Majumdar, 1969: 235). Mas, mudou de opiniões na segunda edição (1892). Nesta última, ele passou a admitir que a transferência de Krshna para Gokula, por seu pai Vasudeva, poderia ser aceita como um fato

histórico, mas negou que seu herói poderia roubar manteiga na infância. O milagre do erguimento da montanha Govardhana por Krshna, com apenas uma mão por sete dias, a fim de proteger os vaqueiros de Gokula da torrencial chuva enviada por Indra, também foi admitido por ele como historicidade.[17] Também, o milagroso evento do tombamento de uma carruagem por Krshna, enquanto bebê no berço,[18] ele julgou como uma mera alegoria.

---

[17] O episódio é narrado no Bhāgavata Purāna X.25, no Vishnu Purāna V.11 e no Harivamsha 61 (Edição Crítica). Depois foi ampliado e mais ainda embelezado em outras versões poéticas deste episódio por devotos vaishnavas. A presença de versos comuns e a repetição de frases idênticas, nestas três fontes, indicam que os autores utilizaram uma comum fonte tradicional.

[18] Bhāgavata Purāna X.07.04-8. Para os laicos, milagres realizados por bebês são cômicos. O Alcorão XIX.29-33 menciona um milagre de Jesus, enquanto bebê no berço, no qual ele fala: “Eu sou o servo de Deus. Ele tem me concedido a escritura, me fez profeta, me fez abençoado. Ele me pediu para orar, dar esmolas por toda a minha vida, amar a minha mãe. A paz esteve comigo no dia em que nasci, estará comigo no dia em que eu morrer e no dia em que eu ressuscitar à vida”. Este mesmo milagre aparece, com uma redação diferente, em um evangelho apócrifo conhecido por Evangelho Árabe da Infância § 01 (Botelho, 2018: 04).

A conclusão que Bankimchandra extraiu quanto à credibilidade dos eventos da infância e da juventude de Krshna foi que seu pai Vasudeva enviou sua esposa Rohini e os dois filhos, Krshna e Balarāma, para Gokula por temor ao rei Kamsa, e que Krshna passou a sua infância e a sua adolescência lá. Sua beleza e sua graça o transformou em um querido de todos. Ele cresceu como um jovem excepcionalmente vigoroso, que salvava os vaqueiros destruindo os animais perigosos. Ele foi afetuoso para os rapazes e as jovens, bem como tentou agradar-lhes. Bankimchandra percebeu uma real verdade espiritual na adolescência de Krshna. Isto foi tudo o que ele admitiu como fatos históricos, mesmo assim, com grande hesitação (Majumdar, 1969: 239).

Quanto à vida após a juventude, Bankimchandra considerou uma extrema impossibilidade que Krshna tenha se casado com a filha de um urso, pois, para ele, estes episódios de múltiplos casamentos de Krshna são interpolações tardias e não são partes da história original (Majumdar, 1969: 243). Também, para ele, Krshna teve apenas uma esposa, e esta foi Rukminī, porque seu filho Pradyumna e seu neto Aniruddha aparecem na história e seu bisneto, Vajra, tornou-se rei (Majumdar, 1969: 244).

Enfim, não há necessidade de aprofundar nas opiniões de Bankimchandra Chatterāee aqui,

tampouco mencionar as contestações dos oponentes das suas ideias, mas valeu a pena apenas registrar o seu pioneirismo no trabalho de apontar o que poderia ser história e o que poderia ser mito nos relatos da vida de Krshna, uma vez que ele escreveu em uma época quando ainda se iniciava as suspeitas de interpolações nas obras do Hinduísmo, porém não tinha começado ainda os trabalhos de amplo cotejo de manuscritos e de edições para a preparação de edições críticas. Portanto, ele não conheceu as edições críticas do Mahābhārata e do Harivamsha (Vaidya, 1969 e Brodbeck, 2019), tampouco as edições semicríticas dos Purānas, tal como estão disponíveis hoje.

Os Mais Comuns Argumentos Pró-historicidade

1) Para os crentes na historicidade, o conceito de Krshna como mito é uma invenção dos colonizadores britânicos, sobretudo dos missionários cristãos, e dos pesquisadores europeus no século XIX, pois, antes da chegada destes, nenhum hindu desconfiava da sua historicidade, era uma unanimidade. O argumento dos apologistas é o de que os missionários estrangeiros não podiam concordar com a antiguidade da Índia, tal como mencionada na literatura hindu, para além do ano 5000 a.e.c., pois

os cálculos bíblicos atribuíam o início do mundo no ano 4004 a.e.c., então tudo antes desta última data teria de ser mito.

Comentário: Primeiramente, é preciso observar que os missionários cristãos não realizaram o trabalho de inventar mitologias na religião hindu, embora muitos dos primeiros investigadores foram missionários cristãos, eles também foram admiradores da cultura hindu. O que os pesquisadores europeus fizeram foi introduzir um novo método racional e histórico de pesquisa dos textos indianos, com base na Crítica Textual, na Filologia e na História Literária. Em segundo lugar, invenção é diferente de descoberta. Por exemplo, o fato de quase todos antes acreditarem que o Sol girava em torno da Terra, não faz de Copérnico o “inventor” do heliocentrismo, cujo fenômeno existe desde o início da formação do Sistema Solar. O que ele fez foi introduzir um novo método de pesquisa astronômica que o conduziu a concluir que a Terra girava em torno do Sol. Da mesma maneira, o fato de todos os hindus “acreditarem” antes que Krshna foi um personagem histórico não significa que a introdução de um novo método de pesquisa da história e da literatura hindus, que conduziu à revelação de que muitos episódios, que antes eram acreditados como históricos, mostrassem o seu caráter mitológico, foi uma “invenção” dos pesquisadores europeus, ou seja, o fato já existia. Em outras palavras, este novo

método de pesquisa conduziu a muitas descobertas de fatos que já existiam, mas que os hindus não percebiam, em razão da deslumbrante veneração pelos seus deuses.

2) Outro argumento é o de que os indianos têm uma antiga e diversificada tradição de registros de eventos históricos, algo como uma literatura historiográfica. Alguns autores chegam a listar uma relação de 22 gêneros de textos historiográficos, sendo alguns dos mais conhecidos o Itihasa (os épicos: Rāmāyana e Mahābhārata), o Purāna (os 18 Mahāpurānas e os 18 Upapurānas), o Charitra (ou Charita, tal como o Buddhacharita de Ashwaghosha), o Avadāna, o Kathā, o Gatha e outros menos conhecidos.

Comentário: Discutir o caráter historiográfico ou mitológico de cada um desses gêneros de textos exigiria muitas páginas aqui. Já discutimos o caráter mitológico do Mahābhārata, do Harivamsha e dos Purānas em páginas anteriores. Entretanto, o que pode ser dito, em linhas gerais, de forma resumida, sobre todos estes gêneros de textos, supostamente considerados historiográficos pelos autores apologéticos, é que, desde um passado distante, os indianos não conheceram a diferença entre hagiografia e biografia. Que estes textos tratam de relatos sobre a vida de deuses, de heróis, de reis e de dinastias, é fato, porém desde uma perspectiva hagiográfica, e não biográfica, no sentido no qual entendemos

este último gênero literário na atualidade. Estes textos foram compostos dentro do ambiente religioso, por autores confessionais, muitos deles tomados de veneração, daí então o ímpeto hagiográfico (relato elogioso). Frequentemente encontramos a palavra Charita (ou Charitra) traduzida por “biografia”, porém, quando consultamos estes textos, sem a predisposição deslumbrada dos admiradores, percebemos que não são biografias propriamente, mas sim hagiografias com a inclusão de contos. Por exemplo, a Buddhacharita, de autoria de Ashwaghosha (um budista), pode ser encontrada como traduzida por “Biografia de Buda”, a rigor, não é uma biografia propriamente, embora conserve alguns episódios, que possam ser históricos, o texto é, em linhas gerais, uma hagiografia de Buda, em razão das exaltações e dos contos acrescidos. Também, Avadāna não é coleção de biografias, tampouco coleção de histórias, é coleção de contos (Jātakas).

3) Outra alegação dos defensores do caráter histórico da literatura hindu é a de que os Itihasas (Mahābhārata e Rāmāyana) e os Purānas são registros de indivíduos e eventos reais, por isso registros históricos, uma vez que são coincidentes entre si e consistentes com a geografia, quanto às menções de locais que podem ser identificados ainda hoje (cidades, rios, montanhas, etc.), no que narram, por isso as

contradições são mínimas, de modo que não são escritos sobre personagens fictícios.

Comentário: Muito pelo contrário, não é o que encontramos quando é feita a comparação, sobretudo as diferenças entre as edições críticas e as edições vulgatas.[19] Já foi mostrado que os relatos nos diferentes Purānas não são absolutamente coincidentes, as contradições no geral e nos detalhes são frequentes. A menção de locais que existem até hoje não é regra para aceitarmos que os personagens e os eventos também sejam reais, mesmo se forem, não atesta que tudo relatado aconteceu rigorosamente

---

[19] Vulgata é o nome da tradução latina da Bíblia por Jerônimo (347-420 e.c.), conhecida por este nome por ter sido traduzida do grego para uma combinação de Latim Literário e de Latim Vulgar, a partir de apenas um manuscrito grego, portanto sem o cotejo de vários manuscritos gregos. No início da Idade Moderna, começou o interesse por pesquisas em busca de manuscritos bíblicos em grego, o que despertou o interesse pelo cotejo de diferentes manuscritos gregos, dando início ao trabalho de preparação de edições críticas, a partir da comparação de diferentes manuscritos, trabalho de revisões e de edições que continua até os dias de hoje, por isso a grande quantidade de versões da Bíblia. Desde então, todas as edições, qualquer que seja o texto antigo, que não atravessam este cotejo que antecede a edição crítica, passaram a ser chamadas de edições vulgatas, a fim de diferenciar das edições críticas.

conforme a narrativa. Tal como foi observado anteriormente, o que se tem de mais provado atualmente é o fato de que os mitos e os contos, em sua maioria, são combinações de ficção e história. Ou seja, a época, o ambiente, a geografia e até mesmo os personagens reais são o pano de fundo sobre o qual se acrescenta a construção da ficção nos mitos e nas lendas. Pois, quanto mais aparentemente real o cenário, mais persuasiva a trama.

4) Também, o argumento, a partir das referências de estrangeiros que residiram na Índia no passado, sobretudo o grego Megástenes (350-290 a.e.c.), quem foi embaixador na corte do imperador Chandragupta Maurya (séculos IV e III a.e.c.), provavelmente entre os anos 302-288 a.e.c., de que, por serem estrangeiros, então são imparciais, portanto emitiram relatos confiáveis, o que atesta a historicidade de Krshna.

Comentário: Megástenes escreveu um texto sobre a Índia chamado Indika, no qual ele chamou Krshna de Hércules e utilizou uma transliteração confusa para os nomes indianos, na qual os tradutores atuais precisam decifrar, a fim de descobrir a quais personagens e locais ele se referia. Bem como, o persa Al Biruni (973-1048 e.c.), quem também residiu na Índia e escreveu muito sobre ela. Entretanto, estes autores não realizaram uma pesquisa biográfica independente, através de um inédito método historiográfico de

pesquisa, sobre a vida de Krshna, o que eles fizeram, simplesmente, foi reproduzir, nas suas obras, o que viram diante de seus olhos e o que ouviram ou aprenderam dos crentes hindus. Portanto, tal como já foi apontado, eles, assim como os outros autores hindus antes deles, escreveram sobre o que os hindus acreditavam sobre Krshna, ou seja, a crença na sua historicidade. Enfim, estes relatos de estrangeiros também não são provas de historicidade, a rigor, são outros exemplos de reproduções de crenças coletivas.

5) As muitas inscrições e as tantas reproduções artísticas são também provas de historicidade apontadas pelos crentes na existência de Krshna.

Comentário: Ora, estas inscrições e estas esculturas foram criadas em uma época quando a crença em sua existência e a sua divinização já estavam bem consolidadas entre os hindus. Por exemplo, a conhecida inscrição Aihole no templo jainista de Meguti, no estado de Karnataka, sul da Índia, menciona a data de 3.102 a.e.c., apesar das controvérsias na interpretação da tradução da inscrição, como a data da guerra do Mahābharata. Porém, esta é uma inscrição muito tardia, pois a construção do templo é datada de 634 e.c. Também, o que é ainda mais desalentador para os crentes, é que a data de 3.102 a.e.c. é a mesma data acreditada pela tradição hindu, desde muitos

séculos antes, mencionada nos Purānas, o que leva a conclusão de que a inscrição é apenas a reprodução do que a tradição hindu acredita que seja a data da guerra. Uma inscrição confiável sobre a historicidade seria aquela que fosse contemporânea com a vida de Krshna, escrita por uma testemunha ocular, ou seja, antes da criação dos tantos mitos e dos tantos contos acrescidos nos relatos de sua vida e de seus ditos. A inscrição é uma prova segura, pois permanece inalterada por muitos séculos, não permitindo assim as tantas alterações e os tantos acréscimos, tal como aconteceu com a literatura sobre Krshna, mas não existe inscrição contemporânea. A reprodução do que o povo acredita, anos ou séculos depois da ocorrência, mesmo que seja em uma inscrição, não é prova de que aquela crença é uma realidade.

6) A maioria dos estudiosos atuais tem chegado à conclusão de que Krshna foi uma figura histórica.

Comentário: Maioria ou consenso de opinião não significa automaticamente certeza, apenas que, a opinião de uma maioria tem, tão somente, mais possibilidade de ser verdadeira do que a opinião de uma minoria. De fato, atualmente, existem mais estudiosos que concordam com a historicidade de Krshna do que os que discordam, por isso a tão maior quantidade de publicações apologéticas do que as de publicações críticas. Porém, o que é

preciso ser observado é que muitos dos estudiosos que concordam com a existência, fazem assim, mas com ressalvas. Veja a opinião de Bimanbehari Majumdar: “Os estudiosos ocidentais, no início, trataram Krshna como um mito. (...) Mas, muitos dos orientalistas no século atual (XX) têm chegado à conclusão de que Krshna foi um guerreiro Kshatriya, que lutou em Kurukshetra, mas muitos deles ainda observam os eventos da sua vida em Vraja (ou seja, sua infância e juventude) como mito desprezível” (Majumdar, 1969, 01). Também, mais recentemente, Guy L. Beck afirmou que “a maioria dos estudiosos do Hinduísmo e da história indiana aceita a historicidade de Krshna, que ele foi uma pessoa real, quer humana ou divina, que viveu no solo indiano, em torno de 1000 a.e.c., e interagiu com muitas pessoas históricas...” (Beck, 2005: 04). Entretanto, mais adiante, ele observou que o Krshna histórico “tem escapado aos olhos e aos ouvidos da pesquisa séria a tal ponto que sua ‘vida real’ se tornou virtualmente mergulhada em mistério. O Krshna da devoção e da imaginação indianas encobriu o Krshna histórico objetivo aos trancos e barrancos...” (Idem: 04-5). Existe uma diferença muito grande em considerar que tudo na vida de alguém é história do começo ao fim e, por outro lado, considerar que parte dos relatos são históricos e outras partes são mitos. Esta última alternativa parece ser a mais provável com

respeito à vida de Krshna, se for possível remover a tão enorme quantidade de mitos acrescida às narrativas da sua vida.

7) A historicidade de Krshna é um assunto que não está mais em discussão, por ser aceita agora por quase todos os estudiosos do Hinduísmo.

Comentário: Tal como já foi mencionado, estes estudiosos do Hinduísmo são professores de Hinduísmo, adeptos hindus e seguidores de Novos Movimentos Religiosos que veneram Krshna, tal como o Movimento Hare Krshna e outros, portanto são estudiosos confessionais com predisposições crédulas, por isso deixam muita suspeição de sectarismo nas suas conclusões. Com prudência, é preciso ouvir também os pesquisadores e historiadores laicos. Uma questão que começou com a desconfiança dos estudiosos ocidentais, agora assumiu uma posição oposta, são os atuais estudiosos ocidentais que contribuem para a argumentação em favor da historicidade. As versões históricas, purificadas dos mitos, sugeridas por Bankimchandra Chatterjee (Majumdar, 1969: 233-50) e por A. D. Pusalker (1955: 67-74) ainda são muito mitológicas, apesar das tentativas de purificação. Ademais, foram publicadas antes dos trabalhos de edição crítica do Harivamsha, e das publicações semicríticas dos Purānas.

Estritamente falando, está muito cedo para se dizer que "o assunto não está mais em discussão", pois, ao contrário, nem sequer se tem um projeto bem estabelecido de "Em Busca pelo Krshna Histórico", quanto mais dizer que a discussão está encerrada, tal como o bem mais adiantado projeto sobre Jesus "Em Busca do Jesus Histórico". Comparado com este último, a busca científica pelo Krshna histórico nem sequer começou, pois peca muito pela falta de cientificidade, uma vez que as pesquisas se limitam à uma bolha de pesquisadores religiosos ou simpatizantes do Hinduísmo, de modo que a pesquisa se assemelha a um jogo com cartas marcadas, cujo resultado é previsível antes da conclusão, em razão da pré-disposição crédula dos pesquisadores.

Krshna no Budismo

O texto budista que mais extensamente relata a vida e os ditos de Krshna é o conto 454, conhecido por Ghata Jātaka, sobretudo o episódio do seu nascimento, através da troca dos bebês, e de outros episódios de difícil identificação da correspondência na tradição hindu, tal como o satírico conto do asno guardião da cidade de Dwāravatī (Dwārakā). Krshna é conhecido pelo nome de Kanha (Negro, correspondente ao krshna védico) neste conto budista. Abaixo será

reproduzido um resumo deste conto budista, com os nomes dos personagens correspondentes na tradição hindu entre parênteses, uma vez que são poucos aqueles personagens com os nomes coincidentes nas duas tradições. Dos episódios narrados neste conto budista (Cowell, 1901: vol. IV, 50-7), o do nascimento de Kanha (Krshna) é o mais facilmente identificável com os conhecidos na tradição hindu, por isso será reproduzido aqui e analisado.

Ele fala do rei Mahākamsa (Ugrasena na tradição hindu, pai do rei Kamsa), o qual teve dois filhos, Kamsa e Upakamsa (não é possível identificar a quem este último filho corresponde na tradição hindu, uma vez que, segundo o Harivamsha 27.28, EC, Ugranena teve nove filhos), e apenas uma filha Devagabbhā (Devakī, mãe biológica de Krshna), mas na versão do Harivamsha 27.29 (EC), Ugrasena teve sete filhas. Na versão do Harivamsha 27.28-30 (EC), Devakī não é filha de Ugrasena, mas sim a filha mais velha de Devaka (irmão de Ugrasena), com mais seis irmãs. Portanto, na versão hindu, Devakī (mãe de Krshna) é prima do tirano rei Kamsa, enquanto que na versão budista, ela (Devagabbhā, mãe de Kanha – Krshna) é irmã de Kamsa.

A Versão Budista do Nascimento de Kanha (Krshna)

Na versão budista, no dia do nascimento de Devagabbhā (Devakī), os brâmanes informam ao rei Mahākamsa (Ugrasena) que essa menina destruirá o país e a linhagem de Kamsa. No Harivamsha 46 (EC), é o sábio Nārada quem informa ao rei Kamsa, durante uma visita ao seu palácio, sobre a profecia de que o oitavo filho de Devakī o matará. No Bhāgavata Purāna X.01, é uma voz do céu que informa ao rei Kamsa, durante a cerimônia de casamento de Devakī, que o oitavo filho dela o matará.

No Ghata Jātaka, com a morte do rei Mahākamsa, Kamsa se tornou rei e seu irmão Upakamsa se tornou vice-rei. Na versão hindu, Kamsa não herdou o trono com a morte do seu pai Ugrasena, ele o destronou e se proclamou rei. Mais tarde, quando Krshna matou o cruel Kamsa, em cumprimento da profecia, Ugrasena foi restabelecido no trono de Mathurā. Assim que assumiu o trono, a fim de evitar o cumprimento da profecia, Kamsa decidiu que sua irmã Devagabbhā permanecesse virgem, por isso construiu uma torre redonda e a encarcerou no seu interior.

Devagabbhā (Devakī na versão hindu) tinha uma serva chamada Nandagopā (Yashodā na versão hindu), e o marido dela, Andhakavenhu

(Nanda na versão hindu), era o servo que vigiava a cela. Na tradição hindu, o casal não era servo, Nanda era vaqueiro em Gokula e não vigiava Devakī (Devagabbhā).

Certo dia, chegou na cidade de Mathura um estrangeiro chamado Upasāgara (Vasudeva na tradição hindu, futuro pai de Krshna). Ao saber da história de Devagabbhā (Devakī), se apaixonou por ela. Então, em seguida, pediu a Nandagopā (a serva da prisioneira Devagabbhā) que agendasse um encontro com Devagabbhā. O encontro aconteceu e dos relacionamentos, Devagabbhā engravidou. A notícia da gravidez chegou aos ouvidos dos irmãos Kamsa (Kamsa e Upakamsa), os quais decidiram não executar sua irmã Devagabbhā, mas aguardar, se a criança for uma menina, será poupada, mas se for um menino, será executado. Com isso permitiram que Devagabbhā (Devakī) e Upasāgara (Vasudeva) se cassassem. Quando o dia do parto chegou, a criança revelou ser uma menina, então foi poupada. Ao casal foi dada uma propriedade de terra em uma aldeia chamada Govaddhamāna. Devagabbhā (Devakī) ficou grávida novamente e no mesmo dia Nandagopā também se engravidou. Ambas deram à luz no mesmo dia, Devagabbhā um filho e Nandagopā uma filha. Mas, Devagabbhā (Devakī) com temor que seu filho fosse executado por Kamsa, o enviou para Nandagopā (Yashodā) e recebeu a filha de

Nandagopā em troca. Quando os irmãos Kamsa ficaram sabendo do novo nascimento de uma criança de Devagabbhā, correram para saber se era menino ou menina. Ao confirmarem que era mais uma menina (depois da troca) pouparam a sua vida mais uma vez.

Estranhamente, o Ghata Jātaka afirma que Devagabbhā teve dez filhos e Nandagopā teve dez filhas, todos foram trocados de pais, os filhos viveram com Nandagopā e as filhas com Devagabbhā e ninguém sabia do segredo das trocas. O irmão mais velho era Vāsudeva (Kanha – Krshna), o segundo mais velho era Baladeva (Balarāma), os dez irmãos ficaram conhecidos por "os Dez Irmãos Escravos", isto é, os filhos do servo Andhakavenhu (Nanda). Quando crescido, os dez irmãos começaram a praticar saques na vizinhança, a população local então reclamou ao rei. Este último convocou Andhakavenhu e o advertiu por permitir que seus filhos praticassem pilhagens. As reclamações se repetiram e, Andhakavenhu, temendo por sua vida, decidiu revelar ao rei Kamsa a verdade de que os dez filhos não eram seus, mas de Upasāgara e Devagabbhā, então um deles estava destinado a matá-lo, conforme a profecia. O rei Kamsa ficou assustado, ao saber que os dez irmãos eram lutadores, decidiu realizar uma luta, um ringue foi preparado em frente ao portão do rei, mas os combatentes de Kamsa foram derrotados.

Neste episódio do nascimento de Vāsudeva (Kanha – Krshna), todos aqueles elementos divinos e sobrenaturais, narrados nas versões hindus, estão ausentes, tais como a descida do deus Vishnu no ventre de Devakī, a interferência da Deusa do Sono (Yoganidra) no auxílio da troca dos bebês, o júbilo dos seres divinos no céu quando do nascimento e outros milagres. Na versão budista, Kanha é apenas um ser humano com virtudes (a força excepcional) e com defeitos (prática de pilhagens). A pretensão depreciativa é notória, ao invés de descendente de uma família real, Kanha (Krshna) era o filho de um servo (Andhakavenhu). Todos aqueles fabulosos milagres na sua infância (o tombamento da carroça quando bebê, o assassinato da demônia Putanā, o erguimento da montanha Govardhana, etc.), conhecidos nas tradições hindus, são omitidos, para serem substituídos por atos reprováveis, tal como a prática de saques na companhia de seus nove irmãos. Enfim, toda a divindade de Krshna (Kanha) é retirada, restando-lhe apenas o caráter humano de um homem superdotado de força física.

Em seguida, Kanha (Krshna) e seus nove irmãos conquistaram muitas regiões, até que, através de um episódio cômico, não conseguiram conquistar a cidade de Dwāravatī (Dwārakā), cuja proteção era feita por um asno que, quando se aproximava um inimigo, ele zurrava de tal maneira

que a cidade se erguia no ar, protegendo assim os seus cidadãos. Então, os dez irmãos decidiram procurar Kanha Dīpāyana (Krshna Dwaipāyana Vyāsa, o mitológico autor do Mahābhārata, do Harivamsha e dos Purānas), quem lhes orientou de como conseguir evitar o erguimento da cidade com o zurro do asno, então a cidade foi conquistada pelos dez irmãos. Se não estivesse incluído em um texto religioso, este episódio serviria apropriadamente para uma peça de comédia. Mas o deboche não para por aí, em um outro episódio mais adiante, os filhos dos dez irmãos decidem testar a vidência de Kanha Dīpāyana (Krshna Dwaipāyana Vyāsa) colocando um travesseiro amarado à briga de um rapaz, travestido de mulher, o qual foi, em seguida, conduzido até a presença do vidente. Então os jovens perguntam ao vidente “quando esta mulher dará à luz?” O vidente Kanha Dīpāyana, através de uma resposta maluca, disse que dentro de sete dias aquele rapaz daria à luz um nó de madeira acácia. Os rapazes responderam que “um homem nunca daria à luz uma criança”, então, com uma corda mataram o vidente imediatamente.

Outros episódios da vida de Kanha (Krshna), de forma camuflada e depreciativa, são narrados neste conto (Ghata-Jātaka), também com consideráveis diferenças com os relatos hindus, entretanto tornaria muito extenso reproduzi-los todos aqui. Em suma, excluindo as exaltações

extravagantes a Krshna e aos seus companheiros, bem como as suas façanhas pirotécnicas, tal como nos relatos hindus, este conto narra, através da troca dos nomes dos personagens, partes da vida de Krshna de maneira depreciativa e satírica. (para conhecer o conto na íntegra, consultar: Cowell, 1901: vol IV, 50-7).

O Jainismo

Esta é uma religião pouco conhecida fora da índia, com cerca de quatro milhões de seguidores no continente indiano e algumas comunidades no exterior. Trata-se da religião "comprovadamente mais pacífica e mais austera do mundo" (Fohr, 2015: 01, ver também Jain: 1979: 01s), o exagero na pacificidade e na austeridade chega a ser repugnante para o indivíduo secular ambientado na progressista cultura contemporânea. Os jainistas se vangloriam da alegação de que sua religião é a mais antiga de todas, embora faltam provas históricas para tanto, uma vez que quase todos os dados antigos são mitos.[20] Quanto ao rigor da austeridade, veja um

---

[20] P. S. Jain sugeriu que, se retirado o material mitológico, portanto com base apenas no material histórico, a antiguidade do Jainismo, considerando os Tirthankaras anteriores a Mahāvīra que possam ser históricos, não poderá anteceder ao século IX a.e.c. (Jain, 1979: 01n2).

exemplo da severidade e da justificativa jainista nas palavras de Sherry Fohr: “o celibato é tão importante na renúncia jainista, que um dos únicos momentos em que é permitido para os monges ou para as monjas cometer suicídio é se o celibato deles é ameaçado. Isto é porque a atividade sexual elimina o combustível ou o poder (shakti) necessário para progredir no caminho até moksha (libertação), e mesmo um instante de atividade sexual pode dissipar todo o poder que tem sido estocado pelo celibatário até aquele momento. É melhor morrer com aquele estoque de poder espiritual do que arriscar perdê-lo” (Fohr, 2015: 70).

O termo Jainismo deriva do substantivo sânscrito जैन - jaina, que significa aquele que adora o जिन - Jina (vitorioso), nome atribuído aos santos (तीर्थंकराः – Tīrthankarāh, literalmente: construtores de vau)[21] da tradição jainista. Existiram 24 Tīrthankaras, o último foi महावीर -

[21] O termo तीर्थंकराः – Tīrthankarāh é também traduzido por “construtores de passagem”, referência àqueles que facilitam e conduzem alguém de uma margem para outra, ou seja, da prisão do samsāra para a libertação (moksha) do ciclo de nascimentos e mortes. Uma palavra composta que nos faz lembrar a palavra pontífice, do Latim: pontifex (construtor de ponte), atributo concedido ao papa.

Mahāvīra (Grande Herói – 599-527 a.e.c.),[22] reformador do atual Jainismo. Seu nome de batismo era वर्धमान - Vardhamāna (Próspero). Os Tirthankaras mais venerados são: Neminātha (Arishtanemi), Pārshwa e, obviamente, Mahāvīra, os 22º, 23º e 24º Tirthankaras respectivamente. Mahāvīra foi um contemporâneo mais velho de Buda, bem como, ambos viveram aproximadamente na mesma região, leste da Índia, e são herdeiros da tradição shramana (asceta), uma tradição não-védica. Por isso, existem curiosas semelhanças doutrinárias entre a religião jainista e a budista, tantas que alguns dos primeiros pesquisadores europeus, que estudaram o Jainismo no século XIX, pensaram que ambas eram uma única religião, ou que o Jainismo era uma seita do Budismo. Alguns chegaram a pensar que Mahāvīra e Buda foram a mesma pessoa. Porém, com o subsequente aprofundamento do conhecimento das vidas de ambos, das doutrinas e das práticas, pelos estudiosos estrangeiros, foi possível perceber as muitas peculiares diferenças.

Tal como nas outras duas grandes tradições indianas, Hinduísmo e Budismo, o Jainismo também é uma mensagem dirigida para

---

[22] Estas são as datas atribuídas pelos Shwetāmbaras, os Digambaras atribuem a data da sua morte em 510 a.e.c. (Fohr, 2015: 35). Alguns autores corrigem as datas para 539-467 a.e.c.

o indivíduo sofrido e infeliz, ou talvez até mais pessimista, embora jainistas se defendem alegando que sua doutrina não é pessimista, enquanto um laico, após conhecer a doutrina jainista, irá se perguntar o que pode ser mais pessimista do que a cultura jainista. De modo que, é raro encontrar alguém com conquistas na vida que se disponha a levar a vida severamente austera dos renunciantes jainistas, por isso a grande maioria dos seguidores jainistas hoje é formada de leigos, cuja prática das rígidas regras ascéticas não é obrigatória, e não de ascetas (Fohr, 2015: 01). Dentre as regras de não-violência, está a prática de não maltratar as criaturas, inclusive as criaturas microscópicas, então os monges e as monjas jainistas usam máscaras no rosto, a fim de não absorverem acidentalmente organismos microscópicos. O rigor chega ao ponto dos ascetas e das monjas não tomarem refeições à noite, a fim de não passarem pelo risco de ingerirem involuntariamente organismos invisíveis durante a refeição, devido à escuridão.[23] As rígidas austeridades incluem a

[23] Esta ideia foi concebida na Antiguidade, quando não se conhecia ainda a biologia microscópica, ou seja, antes da invenção do microscópio e, consequentemente, a descoberta da existência das células, das bactérias, etc., pois hoje sabemos que esta tentativa jainista de evitar a morte de organismos microscópicos é infrutífera, uma vez que o

prática do jejum, alguns bem prolongados, o mais longo chega a um mês de duração, também a prática de arrancar os cabelos pela raiz de duas a cinco vezes por ano, caminhar descalço a maior parte do tempo durante o ano e não vestir roupas, portanto viver nu, dentre outras práticas ascéticas.

O Jainismo tem que ser entendido a partir da grande divisão em duas seitas irreconciliavelmente rivais: a स्वेतांबर - Shwetāmbara (vestido de branco) e a दिघंबर - Dighambara (vestido de céu, nu), a primeira, em tese, mais liberal e a segunda, mais radical. O empasse centraliza-se na ideia de que se o asceta jainista deve vestir-se de branco ou deve viver nu, portanto a nudez é o motivo da rivalidade. Dentre as tantas outras controvérsias entre estas duas seitas rivais, as seguintes se destacam como as principais:

1.*O papel da nudez na vida de santidade*: Os Digambaras enfatizam que a prática da nudez como pré-requisito absoluto para o caminho do

---

organismo humano e animal está composto de mais bactérias do que de células, cujos processos de surgimento e de morte acontecem a todo instante em número de bilhões e em rápida velocidade, tanto nos organismos quanto na natureza. Portanto, mesmo com estas rígidas precauções, o organismo de um monge ou de uma monja jainista está absorvendo ou destruindo bactérias a todo instante em grande escala.

asceta, o único modo de conduta através do qual alguém pode se tornar verdadeiramente livre do pudor e da sexualidade, e com isso alcançar Moksha (Liberação). Já os Shwetāmbaras enfatizam a natureza opcional desta prática, enquanto eles censuram o apego à roupa, eles não admitem que a roupa por si seja um obstáculo para a salvação. Os Digambaras insistem que manter uma única posse é funcionalmente o equivalente a manter todas as posses, por isso eles negam que os monges Shwetāmbaras sejam monges de verdade.

2.*A natureza da onisciência do Jina (santo jainista):* Para os Digambaras, o Jina (santo jainista) não se ocupa em atividades mundanas e em nenhuma função corporal (tal como tomar refeições), uma vez que estas são consideradas contrárias à cognição onisciente. O Jina prega os seus ensinamentos por meio do som divino e mágico. Já os Shwetāmbaras percebem o Jina como alguém ocupado em atividades e funções humanas normais enquanto simultaneamente desfruta da cognição onisciente.

3.*A posição da mulher*: Os Digambaras acreditam que a mulher carece de corpo puro necessário para atingir Moksha (Libertação), por isso deve renascer como homem para que este objetivo seja alcançado. Os Shwetāmbaras assumem uma posição oposta, afirmando que as mulheres podem alcançar Moksha (Libertação) na vida

atual, tal como o homem. Eles alegam que o décimo nono Tirthankara, Malli, foi uma mulher (Jain, 1979: 39-40).

Embora o relacionamento entre os jainistas e os hindus hoje seja amigável, nem sempre foi assim, no passado esta relação intercalou momentos de hostilidades e de afabilidade, e até de ameaça de sincretismo. O primeiro Tirthankara, Rshabha, chegou até a ser incluído como uma encarnação menor de Vishnu (Dundas, 2004: 233). Do lado hostil, os jainistas atacaram os Vedas hindus condenando os seus rituais cruéis e violentos de sacrifícios humanos e animais, chegando a denomina-los coletivamente de himsashastra (doutrina da violência). “A prova conclusiva para os jainistas de que o Veda era uma escritura falsa, que pregava uma má doutrina, está na sua associação com o sacrifício animal” (Dundas, 2004: 234). Um autor jainista debochou da seguinte maneira: “se matança pode proporcionar a realização da meta religiosa, então a pessoa deveria preferir assumir a vida de caçador e de pescador” (Idem, 234). Os deuses Vishnu e Shiva foram hostilizados e debochados pelos autores jainistas, então versões narrativas foram criadas a fim de subestimar e até zombar dos ditos e dos atos destes deuses. Aqui, não haverá espaço para tratar de todas estas hostilidades, especificadamente nos limitaremos àquelas relacionadas ao deus hindu Krshna.

O Cânone Jainista

Em razão desta rivalidade sectária, os cânones destas duas seitas são completamente diferentes, os textos aceitos por uma seita não são aceitos pela outra e vice-versa. Enquanto os Shwetāmbaras reconhecem 12 Agamas (Escrituras Primordiais), os Digambaras reconhecem apenas dois Agamas diferentes daqueles dos Shwetāmbaras (Jain, 1979: 51). O único texto reconhecido por ambas as seitas é o Tattwārthasūtra, embora os Shwetāmbaras não o incluem entre os textos canônicos. Os Digambaras alegam que todo o cânone foi perdido, exceto uma pequena parte do Drshtivada, o décimo segundo Anga, que trata das doutrinas do Karma, e por isso negam que os textos preservados pelos Shwetāmbaras são os textos originais com aqueles nomes (Cort, 1993: 186). Mesmo assim, apesar das divergências canônicas, muitos pontos doutrinários e práticos são comuns entre ambas seitas. Por outro lado, às vezes, as controvérsias são problemáticas para o entendimento inicial do Jainismo, uma vez que, quando lemos os livros introdutórios, alguns autores não mencionam as fontes sectárias das doutrinas e das práticas jainistas, o que leva o leitor a pensar que os ensinamentos são compartilhados por ambas, quando, nem sempre, são comuns (para conhecer a literatura jainista, ver: Schubring, 1978: 73-125;

Jain, 1979: 47-88 e Winternitz, 1993, vol. II, 408-571). Os Digambaras ocupam predominantemente a região oeste e central da Índia, enquanto os Shwetāmbaras, o noroeste da Índia, ambas se dividem em sub seitas que, por sua vez, se dividem também em mais sub seitas (para detalhes, ver: Fohr, 2015: 20-1). Apesar destas colocações, Jerome H. Bauer não percebeu tantas diferenças e fez a seguinte observação: "as diferenças doutrinárias algumas vezes são triviais. Também, embora os Digambaras rejeitem o āgama, ou cânone completo, sobre o qual a mitologia Shwetāmbara é baseada, a mitologia Digambara é na verdade muito similar àquela dos Shwetāmbaras. Ambas, Digambaras e Shwetāmbaras aceitam a mesma História Universal, ou Cosmohistória, com algumas diferenças de detalhe que refletem diferenças de doutrinas. Este esquema básico incorpora muito da mitologia hindu, por exemplo, contos do Rāmāyana e do Mahābhārata, com alterações ajustadas de acordo com a doutrina e a tradição jainistas. Na maioria das partes, as duas seitas relatam os mesmos contos" (Bauer, 2005: 152).

A rigor, não existe um registo autêntico do que foi pregado por Mahāvīra dois mil e quinhentos anos atrás. A literatura jainista foi preservada oralmente no idioma Ardhamāgadhī, um dialeto do Sânscrito, falado na época na região de Māgadha, leste da Índia, por muitos séculos,

mas sofreu consideráveis alterações desde a época de Mahāvīra, depois gradativamente traduzida para o Sânscrito. Portanto, por ter sido preservada inicialmente na forma de transmissão oral, é difícil verificar o que exatamente foi ensinado por Mahāvīra e o que foi posteriormente acrescentado ou retirado pelos discípulos, com a intenção de explicar os ensinamentos originais. A fim de recuperar o conteúdo desta literatura, vários concílios foram realizados em diferentes ocasiões e lugares, tendo sido anotado o que os monges conseguiram lembrar da tradição, já que durante quase dez séculos os ensinamentos de Mahāvīra foram transmitidos oralmente de mestre a discípulo, com isso não se preservou o texto original. Em vista disto, muitas tradições caíram no esquecimento e interpolações foram acrescidas. Daí a razão para a controvérsia sobre o cânone, bem como sobre a biografia, os ensinamentos e as práticas, de Mahāvīra e dos primeiros discípulos, entre a duas principais seitas jainistas.

Quanto ao som divino e mágico emanado do Jina já mencionado, os jainistas sustentam que os sermões de Mahāvīra foram feitos na forma conhecida por दिव्यध्वनि - divyadhwani (som divino), o qual tinha um significado (artha) que foi traduzido pelos गणधराः - ganadharas (principais discípulos). No entanto, existe uma controvérsia entre as seitas quanto à natureza deste som

divino. Os Digambaras imaginam que o som divino era um monossílabo, tal como o som ‘OM’, cuja compreensão só era possível pelos ganadharas (principais discípulos). Enquanto que os Shwetāmbaras sugerem que o Jina (Mahāvīra) falava em uma linguagem humana, que também era divina, no sentido que os homens de todas as regiões, os animais, podiam se beneficiarem ao ouvi-lo. Nos anos seguintes, o papel dos ganadharas (principais discípulos) não foi mais o de traduzir, mas sim o de simplesmente compilar e organizar as palavras de Mahāvīra em um corpo de ensinamentos sistemático e compreensível (Jain, 1979: 42-3).

Um dos dogmas mais curiosos dos jainistas, sobre a doutrina do Karma, o qual o diferencia dos outros nas tradições indianas, é a crença de que o Karma é matéria (pudgala), ao invés de algo metafísico ou psicológico, por isso falam de uma “matéria cármica”, a qual é absorvida pela alma impura. Então, a matéria (pudgala) é capaz de se transformar em Karma. Para eles, a matéria cármica se encontra flutuando livre em todas as partes do espaço, então a alma impura absorve esta matéria cármica, tal como as “partículas de poeira se prendem ao corpo untado com óleo”. Esta matéria cármica adere à alma devido às falsas noções relativas à sua própria natureza, à falta de autocontrole, ao descuido, às paixões e a outras atividades impuras.

Enfim, para um laico evolucionista, o primitivo rigorismo ascético dos ascetas jainistas parece um desperdício de vida. Quando conhecemos a até então unicidade da vida inteligente do homem no universo e os bilhões de anos necessários de evolução para o surgimento da humanidade, bem como os milhões de anos depois para o desenvolvimento do cérebro, é chocante conhecer ascetas que desperdiçam os milhões de anos de evolução humana em uma só vida, ao invés de aproveitar as funções e as habilidades acumuladas neste longo processo evolutivo. Os milhões de anos necessários para o desenvolvimento da inteligência, da criatividade, do planejamento, do raciocínio, da linguagem, do juízo de valores, das habilidades artísticas, etc., são desperdiçados em poucos anos, é algo como entender que a evolução fracassou. A alegação dos religiosos é a de que o desenvolvimento destas funções e destas habilidades não é o máximo, existem objetivos que estão além, enfim, é preciso ultrapassar o nível humano e se tornar divino.

Entretanto, para o conhecimento de Krshna no Jainismo, nos interessa aqui a vida do 22º Tīrthankara, अरिष्टनेमि - Arishtanemi, também conhecido por नेमिनाथ - Neminātha, quem foi primo de Krshna, segundo a tradição jainista (Uttarādhyayana Sūtra XXII e

Trishashtishalakapurushacharitra Livro VIII – os episódios deste Livro são conhecidos por Nemināthacharitra ou por Harivamsha Jainista).

Os Purānas e Charitras Jainistas

Da mesma maneira que muito da vida e dos ditos de Krshna podem ser encontrados nos Purānas Hindus, os jainistas também possuem uma extensa literatura purânica. A quantidade de Purānas Jainistas chega a um total de mais de cem composições, nos idiomas Mahārastri Prakrit, Apabhramsa, Sânscrito e Kannada, embora um número bem menor é o daqueles que alcançaram importância na tradição jainista. Diferentes dos Purānas da tradição hindu, cujas autorias, datas de composições e regiões são desconhecidas, compostos por muitas mãos e durante muitos séculos, os quais apresentam muitas diferenças quando comparamos os manuscritos de um mesmo texto. Os Purānas Jainistas, ao contrário, são bem definidos em seus autores e em suas datas de composição. No conteúdo, esta extensa coleção jainista ora coincide ora diverge das versões hindus, a fim de adaptar as narrativas à ideologia jainista. As ideias e as práticas jainistas são sempre sobrepujantes e os personagens jainistas protagonistas. Muitos reis, heróis e sábios se tornam ascetas (jinas) em algum momento de suas vidas, sobretudo na maturidade. Alguns

episódios dos relatos hindus são alterados, nas versões jainistas, com a intenção de ridicularizar a versão hindu. A divisão entre Purāna e Itihāsa da literatura hindu não é obedecida no cânone jainista, tal como na literatura hindu, sendo assim, temas de ambas são incluídos nos Purānas Jainistas.

John E. Cort dividiu os Purānas Jainistas em três grandes tipos (1993: 187-8):

1.A vida de um dos Tirthankaras (Jinas) da era atual (Jinacharitra).

2.A versão jainista da história de Rāma (Rāmāyana Jainista ou Padmacharitra).

3.A versão jainista da história de Krshna e da guerra de Bhārata (Harivamsha Jainista).

Este último tipo é o que nos interessará aqui. Cobrindo todos estes tópicos estão os Mahāpurānas Jainistas, os quais fornecem as hagiografias de todos os 63 heróis da era atual, conhecido como Shakalapurushas (Pessoas Ilustres: 24 Tirthankaras, 12 Chakravartins e nove trios de heróis: 9 Vāsudevas, 9 Baladevas e 9 Prativāsudevas). Os Mahāpurānas Jainistas (Charitras)[24] são extensas obras hagiográficas que

---

[24] चरित्र-charitra: substantivo sânscrito neutro (Prakrit: charita ou chariya), que significa "comportamento", "hábito" ou "conduta", quando referente ao gênero literário, é às vezes traduzido por "atos", "vida" ou "biografia". Este último significado é problemático, uma vez que estes relatos

compilam as vidas dos importantes personagens precedentes da tradição jainista.

No cânone da seita Digambara, os Purānas Jainistas estão em uma categoria denominada Prathamanuyoga (Exposição Primária), formada de relatos das vidas de ascetas, de reis, de heróis e de personagens ilustres. Em ordem cronológica de composição, as obras mais importantes são primeiramente a Pauma Charita ou Padma Charita (Vida de Padma), do poeta Vimalasūri, composto no século III ou IV a.e.c. Padma (ou Pauma) é outro nome para o herói Rāma do épico hindu Rāmāyana de autoria de Valmiki, quem Vilamasūri deprecia como mentiroso (Winternitz, 1993, vol. II, 469). A obra é uma adaptação do épico hindu à tradição jainista (para conhecer um resumo, ver Winternitz, 1993: vol. II, 469-75). No ano de 678 e.c., o asceta Ravisena escreveu a Padma Purāna (jainista), a qual é meramente uma recensão levemente estendida da Pauma Charita de Vimalasūri, concordando em quase todos os pontos essenciais. Em seguida, a Harivamsha Purāna, de autoria de Punnāta Jinasena, uma obra completada no ano de 783 e.c., cujas lendas

---

de vidas de santos e de heróis estão muito mais para o que conhecemos como hagiografia do que o que entendemos por biografia, por serem muito elogiosos, por esta razão, quando referente a um gênero literário, preferi traduzir o termo charitra por hagiografia.

de Krshna e de seu irmão Balarāma são narradas em um contexto jainista, o discípulo de Mahāvīra, Gautama, é o narrador do conto, com a inserção de muitos sermões jainistas no texto. Também, a lenda de Arishtanemi (Neminātha), primo de Krshna, é incluída. As lendas dos Kauravas, dos Pāndavas e dos descendentes de Krshna e de Balarāma são contadas. Os Kauravas são convertidos à religião jainista, bem como, finalmente, os Pāndavas tornam-se ascetas e, tal como Neminātha, atingem o Nirvāna. A próxima na ordem cronológica é a Trishashtilakakshana Mahāpurāna (o Mahāpurāna das 63 Pessoas Ilustres), sendo a primeira parte, conhecida pelo nome de Ādi Purāna com 47 capítulos, os 42 primeiros compostos por Jinasena e os 5 últimos pelo seu discípulo Gunabhadra. A segunda parte, conhecida por Uttara Purāna, composta por Gunabhadra. Uma obra do ano 897 e.c.

A coleção de narrativas, que é conhecida por Jaina Purāna na tradição Digambara, corresponde à coleção conhecida por Jaina Charitra na tradição Shwetāmbara. Portanto, correspondente ao último texto acima, os Shwetāmbaras possuem o Trishashtishalākapurusha Charitra (a Vida das 63 Pessoas Ilustres), de autoria de Hemachandra,

composta entre os anos de 1160 e 1172 e.c.[25] Estas Pessoas Ilustres (Shalakapurushas) são os 24 Tīrthankaras (Ascetas Jainistas), os 12 Chakravartins (Governantes do Mundo) e os 27 heróis (9 Baladevas, 9 Vāsudevas e 9 Prativāsudevas).

Por volta do ano 1200 e.c., foi composto o Pāndava Charita, de autoria de Maladhārin Devaprabha Sūri, tal como o Mahābhārata hindu, foi composto em 18 sargas, cujos 18 sargas do épico hindu é resumido em uma forma concisa. O sarga 16 relata a lenda de Arishtanemi (Neminātha) em relação com a lenda dos Pāndavas, também relata como Arishtanemi e os Pāndavas alcançaram o Nirvāna. Mais tarde, em 1551 e.c., foi composto o Pāndava Purāna, também conhecido por Mahābhārata Jainista, de autoria de Shubhachandra. Enfim, o Jainismo é rico em tradições narrativas, além dos Purānas e dos Charitras, também é abundante a literatura

---

[25] Tradução inglesa de Helen M. Johnson em 06 volumes, 1931-62. O Livro VIII desta obra, com 12 capítulos, é conhecido como o Harivamsha Jainista ou Neminātha Charitra (Vida de Neminātha). Além da vida deste último, este Livro VIII relata as vidas de Vasudeva (pai de Krshna), Rāma, Krshna e Baladeva (irmão de Krshna). O Livro VII trata da vida e das façanhas do herói Rāma, por isso conhecido por Rāmāyana Jainista. Os relatos ora coincidem ora divergem das versões hindus.

narrativa conhecida por Kathā (Conto), “durante a Idade Média e até os dias de hoje, os jainistas... foram os principais narradores de contos da Índia” (Cort, 1993: 187). De toda esta extensa literatura, nos interessará aqui, doravante, apenas aquelas obras relativas à vida e aos ditos de Krshna.

O Harivamsha Jainista

As versões jainistas dos contos de Krshna são pouco conhecidas fora da Índia, devido à escassez de traduções para as línguas contemporâneas. Estas versões jainistas são conhecidas por Harivamsha Purānas, em linha com a mais antiga versão hindu da lenda de Krshna. O asceta Vimalasūri é mencionado como o primeiro autor da versão jainista da lenda de Krshna em seu Harivamsha Purāna. Porém, nenhum manuscrito deste texto foi encontrado, portanto é possível que os autores dos Harivamsha Purānas posteriores atribuíram uma antiguidade e pedigree para as lendas deles, a fim de igualar a antiguidade à lenda do Rāma jainista, e assim atribuírem o Harivamsha Purāna a Vimalasūri como a fonte para suas obras. A rigor, o mais antigo relato jainista da lenda de Krshna é o texto sânscrito Harivamsha Purāna de Jinasena (conhecido por Punnata Jinasena, segundo a sua linhagem, para distingui-lo do posterior autor

Digambara com o mesmo nome) completada em 783 e.c., na região de Gujarat.

Em linhas gerais, os relatos jainistas da lenda de Krshna são menos violentos e menos sanguinários do que os das versões hindus. As versões jainistas também têm diferentes genealogias dos personagens. O papel de Kamsa é diminuído, enquanto o de Jarasandha é realçado. Bem como, os primeiros relatos jainistas quase que ignoram totalmente os Pāndavas, embora uma tradição posterior, o Pāndava Purāna, preencheu esta lacuna (Cort, 1993: 191).

Os Mahāpurānas Jainistas

Enquanto o Purāna Jainista focaliza no relato da vida de um único herói jainista (ou em um grupo de heróis, tal como nos Rāmāyanas ou nos Harivamshas), os Mahāpurānas Jainistas revelam os relatos das vidas do ciclo completo de 63 Shakalapurushas (heróis jainistas). A primeira obra a ser denominada uma Mahāpurāna foi a escrita no dialeto sânscrito Mahārastri Prakrit, conhecida por Cauppannamahapurusachariya, de autoria de Silanka, composta em 868 e.c. A maior das Mahāpurānas Jainistas foi a composta pelos āchāryas (mestres) Digambaras, Jinasena[26] e

[26] Não confundir com o outro autor jainista Punnāta Jinasena.

Gunabhadra, no final do mesmo século, obra também conhecida pelo nome de Trishashtilakshana Mahāpurāna. Outra Mahāpurāna importante é a obra do āchārya gujarati da seita Shwetāmbara, Hemachandra, composta entre os anos de 1160 e 1172 e.c., conhecida também por Trishashtisakalapurushacharitra, a qual trata também das vidas dos 63 heróis jainistas.

Sobre o relacionamento entre os Purānas Jainistas e os Purānas Hindus, Padmanabh Jaini fez as seguintes observações esclarecedoras: “Mesmo um rápida olhadela nos Purānas Jainistas deixa claro que os autores jainistas, que os compuseram, conheciam muito bem os Purānas e os Épicos hindus, os estudaram com a atenção digna de uma equipe de censores examinando os trechos ofensivos de um texto, e finalmente decidiram reescrever o roteiro em conformidade com as suas próprias doutrinas e suas próprias sensibilidades. (...). Pois eles alegaram que certas narrativas destes textos (as versões hindus) tinham sido deliberadamente falsificadas por seus adversários, os brâmanes. (...). O que fez os autores jainistas enxergarem estes Purānas Hindus com hostilidade foi a tentativa bramânica de apropriar de tais heróis mundanos como Rāma e Krshna, santificar as suas vidas seculares, e coloca-los como encarnações divinas do seu deus Vishnu (Jaini, 1993: 207-8). E continuou, daí então

que “os mestres jainistas pareceram estar diante de uma escolha difícil: quer aceitar a versão bramânica da história e anteceder sua própria identidade como sustentadora de uma fé diferente ou criar uma nova versão destes contos em que estes dois heróis seriam integrados na tradição jainista e suas magníficas vidas se tornariam submissas às carreiras santas dos Tirthankaras...” (Idem: 208). Este processo de assimilação dos heróis épicos hindus no Jainismo deve ter iniciado somente após a elevação de Krshna ao status de avatara de Vishnu nos épicos e nos purānas hindus, como uma reação jainista à apropriação destes dois heróis seculares, até então pan-indianos, pelos hindus, transformando-os em encarnações divinas de uma divindade (Vishnu) de sua própria tradição. Então, aceitando os mitos hindus associados a estes dois heróis, embora modificados para se ajustarem às doutrinas jainistas, e transformando-os em submissos aos Tirthankaras, os jainistas puderam proclamar que estes dois heróis populares tinham de fato sido membros da comunidade jainista e tinham, nos tempos degenerados seguintes, sido proclamados falsamente pelos hindus como encarnações do seu deus Vishnu. Diversas imagens antigas reproduzindo o Tirthankara Nemi sobre um alto pedestal ladeado pelas figuras de Balarāma e Krshna, agora preservadas no Museu de Mathura,

comprovam a crença desta hipótese (Jaini, 1993: 211).

O Krshna Jainista

O autor Jerome H. Bauer resumiu assim, em linhas gerais, a depreciação jainista. "Krshna, na tradição jainista, é nada mais do que um deus que qualquer outro ser humano capaz de alcançar a liberação do karma e do renascimento, mas ele também não é um ser humano comum. Krshna Vāsudeva é, por um lado, um arquetípico rei e leigo jainista e, por outro lado, um Shakalāpurusha (uma Pessoa Ilustre), com um destino ilustre. Como tal, ele tem o papel de karmavīra ou "herói da ação", mais do que o de dharmavīra (herói da religião), o papel exercido pelos Tirthankaras (Salvadores Exemplares) e outros ascetas. Como karmavīra, ele é também āshcaryavīra (herói de maravilha), um aparente realizador de milagres" (Bauer, 2005: 151). Em outras palavras, Krshna, a sublime encarnação (avatāra) do deus Vishnu na tradição hindu, é rebaixado, na tradição jainista, ao mero status de Pessoa Ilustre (um dos 63 Shakalāpurushas, mais especificadamente, o nono na categoria dos Vāsudevas – heróis mundanos).

Na página seguinte, este mesmo autor detalha ainda mais o rebaixamento de Krshna: "Um Tirthankara é um mestre exaltado em seu último nascimento antes da liberação. Krshna, por

seu lado, é um mero Vāsudeva, uma espécie de Pessoa Ilustre (Shakalāpurusha), se posicionando abaixo de um Chakravartin (um Imperador Universal) e bem mais abaixo de um Tirthankara. Seu papel é empunhar o poder temporal, ser um guerreiro no sentido literal, mais do que buscar o chamado superior da renúncia e da conquista espiritual. Krshna, o Vāsudeva, ainda está ativo no mundo ordinário do samsāra (transmigração), e ele deve eliminar seu karma nas próximas vidas, incluindo o tempo gasto nos infernos jainistas" (Bauer, 2005: 153). Este mesmo autor também destaca que "os eventos aparentemente maravilhosos e milagrosos associados com a sua vida (bem conhecidos dos hindus e dos jainistas) são executados por deuses jainistas, os quais são seres dentro do samsāra, ou por magos do tipo "ascetas voadores", que exercem o papel de trapaceiros. (...). Krshna, por sua vez, está subordinado aos ascetas jainistas, especialmente àqueles no caminho direto à liberação, que são oniscientes, em contraste com Krshna, que tem conhecimento limitado. Krishna não é, para os jainistas, uma encarnação de deus, mas um leigo ilustre (embora raramente exemplar)" (Bauer, 2005: 153-4).

Na versão jainista, os eventos relativos ao nascimento de Krshna são semelhantes aos relatados pela tradição hindu, até mesmo os acontecimentos milagrosos, atribuindo assim um

caráter excepcional ao seu nascimento. Porém, as suas travessuras na infância e na juventude não são percebidas com aprovação pela tradição jainista, tal como na versão hindu. “Sua travessura e seu descontrole não são celebrados como na tradição hindu, e o afeto, ou Bhakti, por Krshna, não é libertadora, mas o oposto: um obstáculo para a disciplina correta, um laço a ser rompido antes que a salvação seja possível” (Bauer, 2005: 155).

Para os jainistas, muitos dos milagres realizados por Krshna, proclamados pela tradição hindu, são resultados de mal-entendidos entre aqueles que os testemunharam. O autor jainista Hemachandra (século XII e.c.) relatou a sua versão dos contos dos bem conhecidos milagres atribuídos ao jovem Krshna. A versão jainista do assédio, a fim de assassinar Krshna, pelas demônias (khecharīs), Shakuni e Pūtanā, cuja inimizade com Vasudeva, pai de Krshna, desde vidas anteriores, é direcionada para seu filho. A versão de Hemachandra é a seguinte: Shakuni ficou em pé sobre a carruagem e então chamou por Krshna, enquanto Pūtanā empurrava o seu seio envenenado na direção da boca de Krshna. Pois, na versão jainista, não foi o pontapé dado pela criança Krshna que derrubou a carruagem, tal como na versão hindu, mas sim a interferência das divindades guardiãs de Krshna que derrubaram a carruagem e mataram ambas as demônias. Em

seguida, Nanda, o pai adotivo de Krshna, chegou ao local e perguntou aos vaqueiros, que testemunharam o evento, o que tinha acontecido, e eles afirmam que a criança Krshna matou as duas demônias sem qualquer ajuda. Para os jainistas, foi assim que nasceu a lenda da força sobrenatural de Krshna, a partir do mal-entendido dos vaqueiros ignorantes (Bauer, 2005: 155).

Também, Hemachandra descreveu as façanhas juvenis de Krshna com as gopīs: “o amor delas por ele é como uma doença, que as leva à distração e à negligência de seus deveres. Elas derrubam os baldes de leite e deixam o leite ordenhado cair no chão sem saber. As gopīs fingem terror, a fim de serem confortadas por Krshna, e elas fingem não saber a letra das canções, a fim de serem ensinadas por Krshna. Elas o tocam sempre quando podem, a paixão delas é explícita” (Bauer, 2005: 155-6). Na versão jainista, é nesta época que nasce o primo de Krshna, Neminātha, o 22º Tirthankara, quem, a partir de então, ofuscará o protagonismo de Krshna.

Apesar das tantas narrativas jainistas extraídas dos relatos mitológicos dos hindus, inclusive um resumo da história do Mahābhārata hindu, não existe algo como um “Bhagavad Gītā Jainista”. Ao contrário, Hemachandra relatou uma espécie de “anti-Gītā”. O Tirthankara Neminātha, lutando do lado do seu primo Krshna, tem

inicialmente uma participação defensiva na batalha, porém, à medida que o conflito se agrava, ela passa a ter participação mais ofensiva, inclusive matando milhares de inimigos. Em uma ocasião, ele tem a chance de matar Jarāsandha, o chefe do exército inimigo, mas deixa que Krshna o faça. Na versão jainista do Mahābhārata, Krshna não participa da batalha como um cocheiro de Arjuna, mas incentiva outros combatentes com palavras de bravura. Enfim, não acontece aquele longo e intempestivo discurso de Krshna para Arjuna, no momento que antecede a batalha, quando os exércitos estavam impacientes e ávidos para lutar, o conhecido Bhagavad Gītā.

A Versão Jainista sobre as Vidas Passadas de Krshna

Algumas narrativas jainistas sobre Krshna não começam com a sua vida atual, mas antecedem para as suas encarnações anteriores até a tua última encarnação como um Vāsudeva (Herói Mundano). É costume entre os autores janistas começarem as narrativas da vida de uma grande personagem com um importante evento em uma de suas vidas passadas, que podem gerar frutos nos eventos da vida atual daquela pessoa. O conto de Krshna então começa na sétima vida anterior a sua encarnação atual. Naquela época, o indivíduo agora conhecido como

Krshna era empregado como um cozinheiro na residência de um rei e alcançou grande reputação por preparar os mais deliciosos pratos de carne. Ele obteve o título de amrta-rasayana, como também a posse de dez vilarejos. Quando o rei faleceu e seu filho o sucedeu no trono, o novo rei foi influenciado por um monge jainista e então proibiu o consumo de carne por completo. O cozinheiro (Krshna em uma encarnação anterior) teve de deixar o emprego e também perdeu a renda de nove de seus dez vilarejos. Percebendo que o monge jainista, o instrutor do novo rei, era a causa de sua perda, ele alimentou o monge com uma amarga abóbora envenenada, como resultado, o monge faleceu. Por causa desta crueldade, o cozinheiro renasceu no inferno, eventualmente ele emergiu daquele local e após vários sofrimentos nos nascimentos subsequentes como um ser humano e uma vez como um ser celestial, ele nasceu como Krshna, o nono Vāsudeva (Jaini, 1993: 225). Os autores jainista não se contentaram em apenas depreciar Krshna em sua vida atual, mas também em suas vidas anteriores, retratando-o como um cozinheiro de pratos de carne, o que é repugnante para o rigor vegetariano dos jainistas, e como um assassino que foi para o inferno, para finalmente renascer como um coadjuvante herói mundano (Vāsudeva). Tudo isto para justificar e, ao mesmo tempo, atribuir as imoralidades cometidas por Krshna, na

sua vida atual, ao seu mal karma nas vidas anteriores, e assim fundamentar o seu caráter trapaceiro e violento.

O Combate entre Krshna e Neminātha

Em uma ocasião Neminātha (Arishtanemi) foi ofendido por uma das companheiras de seu primo Krshna, então, com o orgulho ferido, ele decidiu vestir a armadura de Krshna, a qual, juntamente com a concha Panchajanya, estava sob rigorosa guarda. Na época, se acreditava que ninguém, exceto Krshna, era capaz de erguer a concha, muito menos ainda soprá-la. Neminātha entrou no recinto, impressionou os guardas que guardavam a concha erguendo-a e soprando-a, a ressonância do som da concha alcançou toda a cidade, o que fez os elefantes arrebentarem as correntes devido à agitação.

Quando Krshna descobriu que Neminātha tinha aventurado soprar a Panchajanya, ele percebeu que seu primo mais jovem era um sério rival em potencial para o afeto das suas esposas, como também para o seu reino, então decidiu testar a força de Neminātha. Então, de uma maneira amigável, ele convidou Neminātha para um combate de luta livre. Neminātha simplesmente estendeu o seu braço na direção de Krshna e o imobilizou imediatamente com tanta força que Krshna não foi capaz de se mover, com

isso foi derrotado (Jaini, 1993: 226). Nem tanto quanto à força, mas outras passagens dos textos jainistas procuram demonstrar a superioridade de Neminātha sobre Krshna e, neste episódio reproduzido acima, em nenhuma oportunidade esta demonstração é mais oportuna e, ao mesmo tempo consolidada, do que na criação de um conto onde ambos se confrontam diretamente em um combate.

O Rapto de Draupadī

Este conto é conhecido pelos hindus em uma passagem do Mahābhārata (Vana Parvan, III.248-56 – Edição Crítica – Van Buitenen, 1975: 705-23), cujo lascivo rei dos Sindhus, Jayadratha Vārddhakshatri se apaixona pela bela Draupadī (Pānchāli) desde quando ele assistiu o casamento dela com o cinco Pāndavas (Yudhishthira, Bhīma, Arjuna, Nakula e Sahadeva). Quando ela residiu na floresta com os seus cinco maridos, Jayadratha aproveitou que os cinco irmãos tinham partido para caçar, então enviou seu companheiro, o rei Kotikāsya, a fim de intermediar a sua aproximação com a bela Draupadī, quem permanecia na cabana acompanhada apenas do sacerdote Dhaumya. A primeira tentativa de atraí-la não teve sucesso, então o rei Jayadratha decidiu se dirigir até ela pessoalmente para seduzi-la. Não conseguindo através dos meios sedutores, ele

usou a força e a empurrou, juntamente com o sacerdote Dhaumya, para dentro da sua carruagem e fugiu. Ao regressarem da caça, os irmãos Pāndavas foram informados por uma vizinha que Draupadī tinha sido levada. Imediatamente, correram atrás da carruagem de Jayadratha e a alcançaram. Este último foi derrotado, em seguida chicoteado, teve o seu cabelo raspado e ameaçado de ser executado, mas, no final, os cindo irmãos decidiram poupar sua vida e, então, foi levado como prisioneiro.

A versão jainista do rapto de Draupadī (também chamada de Krshnā), aparece, dentre outros textos, no Trisastishalākāpurushacharitra (os Atos das 63 Pessoas Ilustres), Livro VIII, Capítulo 10, parte 01, um texto da seita jainista Shwetāmbara, de autoria de Hemachandra (século XII e.c.). O livro VIII deste texto é conhecido por Neminātha Charitra (os Atos de Neminātha) ou por Harivamsha Jainista. Diferente da versão do Mahābhārata, na versão jainista, o episódio se passa nos mundos celestiais da cosmologia jainista. O rei lascivo agora é Padmanātha, o soberano no continente Dhātakikhandadwīpa, quem executa o rapto de Draupadī, não através da força, após o fracasso da sedução, mas através da ajuda de um deus da região de Pātāla, enquanto Draupadī dormia. Ela então é levada para o continente de Dhātakikhandadwīpa. Seguro de que ninguém do continente de Jambūdwīpa (o

continente dos homens) poderia alcançar Dhātakikhandadwīpa, uma vez que teria de atravessar o violento e intransponível Lavanasamudra (Mar de Sal), o rei Padmanātha ficou tranquilo. Segundo Jerome H. Bauer, o conto de Draupadī é omitido, sem justificativa, nos textos da seita Digambara (Bauer, 2005: 152).

Diferente da versão hindu, onde Krshna está ausente no episódio, ele, nesta versão, não só está presente, como também é o herói que protagoniza a missão de resgate de Draupadī, invocando a ajuda do deus do Mar de Sal (Lavanasamudra), Susthita, quem facilita a passagem de Krshna e dos Pāndavas por este temeroso mar. Chegando na capital do reino, os Pāndavas enfrentaram o exército do rei Padmanātha, mas foram derrotados, então solicitaram a ajuda de Krshna, alegando que o rei e seu exército eram muitos fortes, portanto somente Krshna poderia derrotá-los. Krshna se transformou em um homem-leão, derrotou o exército do rei e resgatou Draupadī, devolvendo-a aos irmãos Pāndavas.

O curioso nas diferenças entres estas duas versões do rapto de Draupadī, que merece observação aqui, é que, enquanto nas versões jainistas, Krshna comumente é colocado como coadjuvante ou até mesmo depreciado, em relação aos mesmos contos nas versões hindus, nesta versão jainista acontece o contrário. Ou

seja, Krshna é omitido na versão do Mahābhārata, enquanto que, na versão jainista, ele não só figura no conto, mas, além disto, é exaltado como o herói da trama.

Relação de Alguns Poucos Dados sobre Krshna ora Convergentes e ora Divergentes nos Relatos Hindus, Budistas e Jainistas

1) Krshna foi um descendente de uma família real de Mathurā, segundo as fontes hindus, mas o Uttarādhyayana Sūtra jainista (XXII.01) menciona que seu pai Vasudeva era rei em Sauryapura. Já no Ghata Jātaka (IV.454.81),[27] depreciativamente, ele era filho biológico de Upasāgara e filho adotivo de um servo, ele e seus nove irmãos eram

---

[27] Krishna é mencionado neste conto (Jātaka) pelos nomes de Kanha (negro em Pali) e Vāsudeva (com a vogal "ā" longa na primeira sílaba, portanto patrônimo de Vasudeva, ou seja, filho de Vasudeva). No colofão deste conto, Buda revela que seu discípulo Āmanda foi Rohineyya (um ministro da corte do rei Vasudeva, pai de Krishna) portanto contemporâneo de Vāsudeva (Krishna), que seu outro discípulo Sāriputta foi Vāsudeva (Krishna) e que ele (Buda) foi Ghatapandita, um dos irmãos de Vāsudeva (Krishna), segundo a versão deste conto budista, a qual difere da versão hindu, nesta última, Krishna teve apenas um irmão (Balarama) e duas irmãs (Subhadra e Yashodā).

conhecidos como “os Dez Irmãos Escravos”, os quais praticavam pilhagens.

2) O nome do seu pai era Vasudeva, por isso é denominado Vāsudeva (filho de Vasudeva), de acordo com o Mahābhārata, o Uttarādhyayana Sūtra (XXII.01 e 2), o Agni Purāna XII.03-7, e Vasudeva Ānakadundudhi de acordo com o Matsya Purāna 46.02 e o Vāyu Purāna II.34.144-5, 159-63 e 172-3. No Ghata Jātaka (454.81), o nome do seu pai era Andhakavenhu, o servo.
3) Sua mãe foi Devakī, conforme o Chandogya Upanishad III.17.06 (se acreditarmos que se trata do Krshna do Mahābhārata), o Harivamsha, os Purānas e o Uttarādhyanana Sūtra (XXII.02). No Ghata Jātaka (454.81), o nome da sua mãe era Devagabbhā.
4) Ele teve um meio irmão com o nome de Balarāma (Baladeva) ou Sankarshana, conforme todas as fontes hindus e no Ghata Jātaka (454.81). No Uttarādhyayana Sūtra XXII.02, o nome do seu irmão é mencionado como Rāma, filho de Rohini, a outra esposa do seu pai Vasudeva, portanto deve se referir a Balarāma.
5) Krshna é mencionado pelo epíteto de Keshava (aquele que matou o demônio Keshin, também significa “cabeludo”), e

como o filho de Devakī, o que coincide com os relatos hindus e budistas.

6) Ele participou de uma guerra como cocheiro, tal como narrado no Mahābhārata hindu, apesar das diferenças nos detalhes de ambas narrativas. O Mahābhārata jainista não inclui o Bhagavad Gītā, ao invés disto, Krshna é retratado como um instigador e um defensor de bravura na guerra pela tradição jainista (Jaini, 1993: 221).
7) No Harivamsha 46.01-19 (Edição Crítica), o aviso de que o oitavo filho de Devakī mataria o rei Kamsa (46.16) foi anunciado pelo sábio Nārada, durante uma visita ao palácio do rei. Enquanto que, no Bhāgavata Purāna X.01.34 e no Vishnu Purāna V.01.04, é uma voz do céu, durante o casamento de Devakī e Vasudeva (pais de Krshna), quem anuncia, para o rei Kamsa, a profecia da sua morte.
8) Na genealogia de alguns Purānas, Krshna pertenceu à Dinastia Lunar e foi o 94º descendente desde Manu, enquanto que outros Purānas mencionam que ele pertenceu a Dinastia Solar, ou seja, ambas as dinastias reivindicam a sua descendência (Pusalker, 1955: 50).
9) Enquanto que, em quase todos os textos seu nome é Krshna, ele é conhecido pelo

termo Páli, que também significa negro, Kanha, no Ghata Jātaka budista.

10) Enquanto os mestres e devotos hindus discutem sobre a questão se Krshna, como um avatāra de Vishnu, está sujeito ou não à lei do karma, os mestres jainistas não têm dúvida de que Krshna deve ir para o inferno, por seus atos de violência, cometidos para manter a ordem da sociedade e o costume divino, e por sua bem-conhecida má conduta sexual (Bauer, 2005: 151-2).
11) Nos Purānas e nos épicos hindus, Krshna é sempre o protagonista, a encarnação divina do deus Vishnu, é um sábio e um herói, porém, na tradição jainista, o seu protagonismo é obscurecido pelo seu primo contemporâneo Neminātha (Arishtanemi), quem derrotou Krshna em um combate de luta livre (Jaini, 1993: 226).

Conclusão

Após a leitura do estudo acima, o leitor poderá estar perguntando em qual versão acreditar, se na versão hindu, ou na budista, ou na jainista. Diferente da prematura convicção de alguns autores e de alguns adeptos, de que a dúvida sobre a historicidade de Krshna é um assunto superado, uma percepção mais ampla

revela que ainda é muito cedo para se chegar a tal conclusão, portanto a certeza da historicidade ainda permanece uma questão em aberto. Como foi mencionado acima, é preciso introduzir os pesquisadores e os historiadores laicos nas pesquisas e nos debates, ao invés de se limitar aos trabalhos dos professores de religião e aos dos adeptos. Mais uma vez, reforço que, simplesmente "acreditar na historicidade" não significa que a historicidade existe, é preciso prová-la e demonstrá-la objetivamente. Também, unanimidade de opinião não é certeza, significa apenas que uma maioria acredita que uma opinião é mais provável. Enfim, "historicidade" não é o mesmo que "crença na historicidade", historicidade é um fato, crença na historicidade é apenas uma opinião, a qual pode divergir de outras, a primeira está na realidade, a segunda apenas na mente do crente.

Bibliografia

APTE, V. S. *The Practical Sanskrit-English Dictionary*. Delhi: Motilal Banarsidass, 1978.

BAUER, Jerome H. *Hero of Wander, Hero in Deeds: Vāsudeva Krishna in Jaina Cosmohistory* in *Alternative Krishnas: Regional and Vernacular Variations on a Hindu Deity.* Guy L. Beck (ed.). Albany: State University of New York Press, 2005, p. 151-76.

BECK, Guy L. (ed.). *Alternative Krishnas: Regional and Vernacular Variations on a Hindu Deity.* Albany: State University of New York Press, 2005.
BHATTACHARYA, S. K. *Krishna-cult in Indian Art*. New Delhi: M D Publications, 1996.
BOTELHO, Octavio da Cunha. *Apolônio de Tiana e a Manipulação para Transformá-lo no Rival de Jesus ou no Cristo Pagão.* Edição Eletrônica. Setembro, 2012: https://www.academia.edu/4479074/Apol%C3%B4nio_de_Tiana_e_a_Manipula%C3%A7%C3%A3o_para_Transform%C3%A1_lo_no_Rival_de_Jesus_ou_no_Cristo_Pag%C3%A3o
_________________________ *O Retrato Hostil de Jesus no Toledoth Yeshu*. Edição Eletrônica, Julho, 2016a: https://www.researchgate.net/publication/322632239_O_RETRATO_HOSTIL_DE_JESUS_NO_TOLEDOTH_YESHU
_________________________ *Jesus no Talmude*. Edição Eletrônica. Setembro, 2016b: https://www.researchgate.net/publication/322632010_Jesus_no_Talmude
_________________________ *The Mentions of Jesus in Qur'an*. Eletronic Edition, Abril, 2018: DOI: 10.13140/RG.2.2.26558.79680
BRODBECK, Simon (tr.). *Krishna's Lineage: The Harivamsha of Vyāsa's Mahābhārata*. New York: Oxford University Press, 2019.

BRYANT, Edwin F. *Krishna: The Beautiful Legend of God: Srīmad Bhāgavata Purāna, Book X.* London: Penguin Books, 2003.

___________ (ed.). *Krishna: A Sourcebook*. Oxford/New York: Oxford University Press, 2007.

CORT, John E. *An Overview of the Jaina Puranas* in *Purana Perennis*: *Reciprocity and Transformation in Hindu and Jaina Texts.* Wendy Doniger (ed.). Albany: State University of New York Press, 1993, p. 185-206.

______________ *Jains in the World*. Oxford/New York: Oxford University Press, 2001.

COWELL, E. B. (ed.). *The Jātaka or Stories of the Buddha's Former Births*, vol. IV. Cambridge: At the University Press, 1901, p. 50-7.

DONIGER, Wendy (ed.). *Purana Perennis: Reciprocity and Transformation in Hindu and Jaina Texts.* Albany: State University of New York Press, 1993.

DUNDAS, Paul. *The Jains*. London/New York: Routledge, 2004.

EHRMAN, Bart D. *Lost Scriptures: Books that did not make it into the New Testament*. New York: Oxford University Press, 2003, 57-62.

________________ and Zlatko Plese (trs.). *The Apocryphal Gospels: Texts and Translations.* Oxford/New York: Oxford University Press, 2011.

ELLIOTT, J. K. *The Apocryphal New Testament: A Collection of Apocryphal Christian Literature in an*

English Translation. Oxford: Clarendon Press, 1993, 46-122.

DAVIS, Richard H. *The Bhagavad Gita: A Biography*. Princeton: Princeton University Press, 2015, Eletronic Edition.

FOHR, Sherry. *Jainism: A Guide for the Perplexed*. London/New York: Bloomsbury Academic, 2015.

FREEMAN, Charles. *A New History of Early Christianity*. New Haven/London: Yale University Press, 2009.

JACOBI, Hermann (tr.). *Jaina Sūtras, The Sacred Books of the East*, vol. 45. Delhi: Motilal Banarsidass Publishers, 1989, part. II, p. 112-9.

JAIN, Vijay K. (tr.). *Ācārya Umāsvāmī's Tattvārthasūtra with Explanation in English from Ācārya Pūjyapāda's Sarvārthasiddhi*. Dehradun: Vikalp Printers, 2018.

JAINI, Padmanabh S. *The Jaina Path of Purification*. Berkeley: University of California Press, 1979.

--------------------------- *Jaina Puranas: A Puranic Counter Tradition* in *Purana Perennis: Reciprocity and Transformation in Hindu and Jaina Texts.* Wendy Doniger (ed.). Albany: State University of New York Press, 1993, p. 207-49.

JOHNSON, Helen M. (tr.). *Trisastisalākāpurusacaritra: The Lives of Sixty-three Illustrious Persons by Ācārya Sri Hemacandra*, 06 Volumes. Baroda: Oriental Institute, 1931-62.

LORENZ, Ekkehard. *The Harivamsa: The Dynasty of Krishna* in *Krishna: A Sourcebook*, Edwin F. Bryant (ed.). Oxford/New York: Oxford University Press, 2007, p. 95-109.

MAJUMDAR, Bimanbehari. *Krishna in History and Legend*. Calcutta: University of Calcutta, 1969.

MANI, Vettam. *Purānic Encyclopedia: a comprehensive dictionary with special reference to the epic and puranic literature*. Delhi: Motilal Banarsidass, 1975.

MORGAN, Susan. *Bombay Anna: The Real Story and Remarkable Adventures of the King and I Governess.* Berkeley: University of California Press, 2008.

PARGITER, F. E. *Ancient Indian Historical Tradition*. London: Oxford University Press, 1922, p. 179s.

PLATT Jr., Rutherford H. *The Lost Books of the Bible*. New York: Alpha House, 1926, p. 38-62.

PUSALKER, A. D. *Studies in the Epics and Purānas*. Bombay: Bharatiya Vidya Bhavan, 1955, p. 49-81.

RAYCHAUDHURI, Hemchandra. *Materials for the Study of the Early History of the Vaishnava Sect.* Calcutta: University of Calcutta. 1936.

ROCHER, Ludo. *The Puranas* in *A History of Indian Literature*, Vol. II, Fasc. 03, Jan Gonda (ed.). Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1986.

SCHÄFER, Peter. *Jesus in the Talmud*. Princeton: Princeton University Press, 2007.

_______________ and Michael Meerson. *Toledot Yeshu: The Life Story of Jesus.* Tubinger: Mohr Siueck, 2014.

SCHUBRING, Walter. *The Doctrine of the Jainas: Described After the Old Sources*. Delhi: Motilal Banarsidass, 1978.

SINGER, Milton (ed.). *Krishna: Myths, Rites and Attitudes*. Chicago: The University of Chicago Press, 1968.

TAGARE, Ganesh Vasudeo (tr.). *The Bhāgavata Purāna*. Delhi: Motilal Banarsidass, parts I and II: 1986; part III: 1987; part IV: 1988 and part V: 1989.

VAIDYA, P. L. (ed.). *The Harivamsa: Being the Khila or Supplement to the Mahābhārata for the First Time Critically Edited*. Poona: Bhandarkar Oriental Research Institute, 1969.

VANAMALI, *The Complete Life of Krishna: Based on the Earliest Oral Traditions and the Sacred Scriptures*. Rochester: Inner Traditions, 2012. Eletronic Edition.

VAN BUITENEN, J. A. B. (tr.). *The Mahābhārata: 2 The Book of the Assembly Hall, 3 The Book of the Forest.* Chicago: The University of Chicago Press, 1975.

WINTERNITZ, Maurice. *A History of Indian Literature,* volume II. Delhi: Motilal Banarsidass, 1993, p. 408s.